

# VIA TEOLÓGICA

Volume 23 – Número 46 – dez. / 2022

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

ARTIGO

---

## MARCAS DE UM DISCÍPULO SEGUNDO AS PALAVRAS DE JESUS NA PERSPECTIVA DO EVANGELHO JOANINO

*Me. Francis Natan Gonçalves Martins*



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons. Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

# MARCAS DE UM DISCÍPULO SEGUNDO AS PALAVRAS DE JESUS NA PERSPECTIVA DO EVANGELHO JOANINO

Marks of a Disciple According to the Words of Jesus in the Perspective  
of the Johannine Gospel

*Me. Francis Natan Gonçalves Martins<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira; Pós-graduado em Marketing pela Unijui e em Novas Tecnologias, Transformação Digital e Agilidade pela FIA (Fundação Instituto de Administração); e Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. Trabalha como Pastor de Adoração na Primeira Igreja Batista em Ijuí e como Professor e Coordenador de Estágios e Gestor de Comunicação e Marketing na Faculdade Batista Pioneira em Ijuí. E-mail: natanmartins@batistapioneira.edu.br.

## RESUMO

O presente ensaio é uma análise bíblica, a partir da narrativa do evangelho segundo o apóstolo João, quanto às palavras de Jesus Cristo no tocante ao seu discipulado. Assim sendo, lança-se o foco desta pesquisa às três marcas de um discípulo de Jesus, segundo as palavras do próprio Senhor, discorrendo sobre suas multiformes expressões práticas no cotidiano do indivíduo. As referidas marcas discipulares são: permanência na Palavra de Cristo (Jo 8.31), amor cristão (Jo 13.34-35) e frutificação em Jesus (Jo 15.8). Visto que estas marcas se tratam de afirmações condicionais de Jesus sobre os seus seguidores, em estruturação símile, caso não sejam refletidas na conduta de um indivíduo, este não se caracteriza como um discípulo de Cristo. Objetiva-se, mediante tal esmero, impulsionar o leitor à vida discipular de forma prática, baseando-se nas diretrizes expressas pelo Senhor. Desta forma, tal artigo apresenta relevância à igreja contemporânea, motivando-a à reflexão dos padrões bíblicos do discipulado cristão.

**Palavras-chave:** Discípulo. Discipulado. Cristianismo. Evangelho. Vida Cristã. Evangelho de João.

## ABSTRACT

This essay is a biblical analysis, based on the gospel narrative according to the apostle John, regarding the words of Jesus Christ regarding his discipleship. Therefore, the focus of this research is on the three marks of a disciple of Jesus, according to the Lord's own words, discussing its many practical expressions in the individual's daily life. The mentioned disciplic marks are: permanence in the Word of Christ (John 8.31), Christian love (John 13.34-35) and fruitfulness in Jesus (John 15.8). Since these marks are Jesus' conditional statements about his followers, in similar structure, if they are not reflected

in the conduct of an individual, he is not characterized as a disciple of Christ. The objective is, through such care, to impel the reader to the discipleship life in a practical way, based on the guidelines expressed by the Lord. In this way, this article presents relevance to the contemporary church, motivating it to reflect on the biblical standards of Christian discipleship.

**Keywords:** Disciple. Discipleship. Christianity. Gospel. Christian life. Gospel of John.

## INTRODUÇÃO

O Censo de 2010, realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), concluiu que o número de cristãos evangélicos no país cresceu 61% nos 10 anos anteriores à estatística. O IBGE apontou que havia 42.310.000 evangélicos no Brasil no ano de 2010, equivalendo a 22,2% da população (IBGE, 2019, n.p.). O próximo Censo será realizado somente ao fim de 2022, mas, durante a última década, foram realizados estudos periódicos que servem para mostrar tendências estatísticas. Com base nestes estudos, afirma-se que é possível que em 10 ou 15 anos o Brasil não tenha mais a maioria da população católica, mas sim evangélica. É possível que em 2032, a população evangélica brasileira chegue a 39,8% (IHU, 2019, n.p.). Diante disso, deve-se perguntar: Esses números refletem de fato uma crescente no comprometimento com Cristo entre os evangélicos brasileiros?

Os padrões de conduta do povo dito evangélico não confirmam isso, pois é grande o crescimento da corrupção, individualismo e defesa de ideologias contrárias às Escrituras, até mesmo dentre a igreja evangélica brasileira. Isso mostra que a aparente ascensão evangélica não tem refletido uma vida discipular segundo a Palavra de Cristo, pois parte daquilo que se contabiliza em números, não o são em essência, de acordo com o que se mostra nas práticas cotidianas. Assim, nem todos esses tidos como evangélicos brasileiros referem-se a genuínos discípulos de Cristo (Jo 7.24).

O que se percebe é que, em busca de crescimentos numéricos, alguns líderes eclesiásticos negligenciam o ensino relatado nas Escrituras referente às condições impostas pelo próprio Jesus Cristo para ser um discípulo deste. Por conseguinte, igrejas acabam por substituir os padrões do discipulado cristão por regras autoritárias, conhecimento meramente intelectual e cumprimento de um código de conduta. Diante desta realidade, surge o problema que impulsionou a presente pesquisa: Quais são as marcas de um discípulo de Jesus e de que modo a compreensão de tais pode cooperar com a genuína vida discipular da igreja local na contemporaneidade?

Em tal ímpeto de resposta, é de suma necessidade uma análise bíblica do que o próprio Jesus Cristo impõe como condições e marcas que caracterizam a vida discipular. Desta forma, evitam-se perdas ou sincretismos que, infelizmente, permeiam muitas igrejas evangélicas. Mas, além disso, esta análise oferecerá uma fonte segura do que é ser discípulo de Jesus! Tendo isso em vista, a presente pesquisa objetiva, mediante a proposta de uma observação das expressões utilizadas pelo Mestre Jesus no evangelho de João, levantar as marcas do discípulo de Cristo, de forma a impulsionar o discipulado prático na atualidade.

Os discípulos de Cristo são indivíduos que demonstram em suas vidas submissão exclusiva a Ele, seguindo-o e vivendo segundo seu ensino. Segundo o texto Atos 4.13, os discípulos de Cristo são pessoas que se identificam com Ele, em sua maneira de viver, de se portar, de se relacionar com os semelhantes e com o mundo ao seu redor (PHILLIPS, 2013, p. 19). Essa vida à semelhança de Jesus expressa-se publicamente quando o indivíduo vive de fato em Cristo, como seu discípulo. Assim como José de Arimateia (Jo 19.38), não há como seguir Jesus genuinamente às sombras por muito tempo; em um momento é preciso assumir tal compromisso, que será notado rapidamente pelas pessoas à volta do discípulo (VINE; UNGER; WHITE, 2002, p. 569).

Esta percepção da vida discipular na vida de um ser humano acontece devido a algumas marcas características à vida de Jesus no ato de ser discípulo no cotidiano. Por sua vez, estas aparecem naturalmente - embora sejam obras sobrenaturais do Espírito Santo - na vida daquele que permanece ligado a Jesus. Segundo os registros das palavras do próprio Jesus, no Evangelho de João, podem-se notar três características dos seus discípulos: permanência na sua Palavra, amor aos semelhantes ao seu padrão e abundante frutificação em Jesus (JONES, 1986, p. 23-31). Discorrer-se-á sobre cada uma destas marcas e como estas se aplicam ao cotidiano da vida discipular.

## 1. PERMANÊNCIA NA PALAVRA DE JESUS (JOÃO 8.31)

“Disse Jesus aos judeus que haviam crido nele: ‘Se vocês permanecerem firmes na minha palavra, verdadeiramente serão meus discípulos’ (BÍBLIA, João 8.31, 2000, p. 831)

225

Concorda-se que ninguém pode ser discípulo de algum mestre sem ao menos saber o que este lhe exige e sem obedecer às condições impostas ao seu discipulado. Para tanto, era comum, no mundo bíblico do Novo Testamento, que os aspirantes a vida discipular tomassem um substancial conhecimento da interpretação da Lei, ensino e exigências de seu futuro mestre, para que a partir deste conhecimento decidissem, ou não, segui-lo. Além do mais, aquele que se lançava à jornada discipular, tendo ciência dos parâmetros impostos para tanto, deveria aplicá-las a sua vida, permanecendo nestas sem negligenciá-las, pois eram condicionais ao posto de discípulo. Caso não fossem observados em perseverança, tal indivíduo estava reprovado à condição de discípulo! (MADUREIRA, 2019, p. 25).

Como já mencionado anteriormente, não foi Jesus quem instituiu o discipulado no mundo bíblico, pois este já era um artifício utilizado tanto por personagens do Antigo Testamento,

quanto do Novo. Mesmo assim, Jesus tomou deste recurso maravilhoso e aplicou-o à sua escola de seguidores, usando-se também de alguns costumes discipulares que os mestres da Lei judaicos utilizavam, como por exemplo, a necessidade da observância do ensino do mestre ao qual aspirava-se seguir (BUCKLAND, 1999, p. 117).

Quanto à definição do termo *palavra*, encontrado neste verso, entende-se que esta refere-se a todo conselho de Jesus Cristo mediante seu ensino, a sua mensagem, o seu Evangelho. Sendo assim, não é equivocado afirmar que se pode aliar a esta expressão a Bíblia, a Palavra de Deus, pois as Escrituras expressam desde os tempos do princípio a revelação do plano de Deus para resgate da humanidade mediante a encarnação do Deus Filho, Jesus. O Antigo Testamento é o prenúncio deste plano, que seria personificado futuramente através do Messias, que é apontado constantemente na história do povo de Deus. Já o Novo Testamento é a consumação deste plano, registrando o Evangelho de Jesus esclarecido e aquilo que este produziu na vida dos que foram alcançados pelo seu ensino (VINE; UNGER; WHITE, 2002, p. 845). Portanto, o discípulo genuíno de Jesus, deve permanecer em toda esta Palavra de Jesus, a Bíblia!

Ressalta-se esta ótica interpretativa pela análise da expressão original utilizada por Jesus neste texto, *legō* (λόγω), termo derivado de *logos* (λόγος), que é traduzido no Novo Testamento, mediante suas variações, como Palavra, Palavra de Deus, ensino, preceito, instrução e revelação. À saber, tais textos apontam esta conotação: João 1.1,14, 15.25, 17.6, 17; Lucas 4.32, 10.39; 1 Coríntios 15.54; Hebreus 4.12; Gálatas 5.14 (COENEN, BROWN, 2000, p. 1521, 1522). Entende-se assim, que não seria um equívoco aliar a permanência na Palavra de Deus, a Bíblia, a este ensino de Jesus, mencionado no versículo em questão. Davidson aponta sobre esta interpretação que:

O verdadeiro discípulo permanece na Palavra de Deus. Somente assim pode penetrar mais profundamente nos ensinamentos de Jesus e receber o conhecimento da verdade que o libertará (DAVIDSON, 1997, p. 1974).

O verso bíblico, destacado nesta sessão, expõe uma condicional de Jesus a alguns judeus que haviam crido nele após uma pregação sua nas ruas de Jerusalém, quando deu a entender que era o Filho do Homem, o Filho de Deus. Sabendo Jesus que aquele princípio de fé poderia ser como um broto de uma planta, muito frágil, que poderia ser sufocado por outros interesses, valores e anseios, Ele destaca a necessidade do permanecer. Neste trecho, Jesus aponta rapidamente que não há como crer em seu ensino de uma forma meramente superficial, sem apego que conduza à firmeza e perseverança consistente. Tal condicional é ressaltada na última parte, em que Jesus expõe que aqueles que assim o fizerem, serão verdadeiramente seus discípulos. Boor destaca que, se por acaso essa permanência no ensino de Jesus não for evidenciada, o discipulado não passa de mera aparência, que certamente ruirá com o tempo (BOOR, 2002, p. 132).

Ainda, referente a permanência, destaca-se que esta precisa ser contínua, movida por um pulsante amor a Cristo, que leve o indivíduo ao comprometimento tal com Jesus que, mesmo que enfrente sofrimentos, desapegos e custas, não abandona o seu Senhor e seu ensino (MADUREIRA, 2019, p. 24, 25). Tal permanência, colocada por Jesus aos seus seguidores, pode ser expressa de maneira perceptível na vida do discípulo mediante três ações síncronas: a busca da Palavra, a prática desta e a sujeição exclusiva à Palavra.

## 1.1 PERMANÊNCIA NA BUSCA DA PALAVRA

Não há como seguir a Jesus à sua própria maneira, pois aquele que anseia ser um discípulo do Senhor, precisa segui-lo da forma que ele quer ser seguido (MADUREIRA, 2019, p. 13). Diante desta afirmação, surge um necessário questionamento:

“Como saber como Jesus quer ser seguido?” A resposta adequada a tal pergunta é bem pontuada: conhecendo da Palavra do Senhor. Nesta encontrar-se-á toda regra de fé e conduta necessária àquele que se lança à vida discipular de Jesus (GUSSO, 2001, p. 13, 14).

Mais do que isso, tal busca precisa ser constante e permanente na vida do discípulo, sendo que a continua exposição da vida do indivíduo às Escrituras oportuniza confrontos, apontamentos da necessidade de ajustes e encorajamento para uma crescente na maturidade e no amoldar da vida do cristão ao padrão de Cristo (SOLONCA, 199-?, p. 71). Sendo assim, Jesus usa-se desta sua fala, em João 8.31, para convidar aqueles que aspiravam tornar-se seus discípulos para que se submetessem continuamente a revelação da vontade do Senhor e não apenas em um momento único (BARTON, 2010, v. 1, p. 539).

Salienta-se que a sujeição ao senhorio do Mestre Jesus, necessária a todo discípulo, conforme mencionado no capítulo anterior, implica em envolvimento intencional e racional com a Palavra de Deus. Pois não há como haver real submissão ao Senhor sem clareza de sua vontade expressa nas Sagradas Escrituras. Henrichsen esclarece:

Você não pode orar “Seja feita a tua vontade”, ao menos que esteja ativamente envolvido em encontrar a vontade de Deus para a sua vida e a faça. Comece por fazer aquilo que você sabe através das Escrituras para fazer a vontade de Deus. Se fizer isto, o Espírito Santo será fiel para iluminar as áreas nas quais você está indeciso (HENRICHSEN, 2002, p. 23).

Ademais, somente mediante uma constante exposição aos preceitos bíblicos, é que o indivíduo ficará consciente das condições discipulares. Apenas nesta consciência, o discípulo será capaz de avaliar adequadamente as custas do seguir a Cristo e poderá dispor-se a pagar este preço continuamente. Caso contrário, sem conhecimento da Palavra, o indivíduo terá extrema

dificuldade de compreender as demandas e implicações do seguir a Jesus, não estando inteirado do verdadeiro significado do discipulado. Será este como aquele alguém hipotético que Jesus menciona em Lucas 14.28-30, que se lançou a uma construção, sem ao menos ter ciência dos materiais necessários, custos e esforços indispensáveis para tal empreitada. Mesmo partindo de uma nobre intenção, conseqüentemente este desorientado desistirá de sua caminhada, sofrendo a vergonha de tal ignorância (MADUREIRA, 2019, p. 25).

A Bíblia é, pois, a fonte de direção para o discípulo, a revelação escrita de Deus que serve como uma bússola que orienta a vida deste (PACKER, 2020, p. 21). Como discípulo, o indivíduo deve desejar conhecer o Senhor Jesus e a sua vontade revelada nas Sagradas Letras. Para tanto, é fundamental e indispensável a leitura, audição, estudo, memorização, meditação e aplicação constante da Palavra de Deus a própria vida (KING, 2010, p. 47-48). Nesta Palavra, o discípulo de Jesus é confrontado com a vontade de Deus para a sua vida, demonstrada nos seus ensinamentos e princípios eternos que o Senhor revelou. Entendido isso, quando o discípulo aprende a estudar a Palavra de Deus, encontra nesta uma eterna e inesgotável fonte de vigor espiritual e sua vida adquire uma nova dimensão (VIEIRA, 2004, p. 11).

Além do mais, a Bíblia, a eterna Palavra de Deus, ecoa a voz de Jesus aos seus seguidores, sendo uma fonte segura de orientação na vida discipular. Acrescenta-se que esta é o registro escrito da revelação última de Deus, por meio de Jesus, conforme Hebreus 1.1-2 (SEVERA, 1999, p. 19-21). Ignorá-la ou desleixar o seu estudo acarreta sérias perdas ao indivíduo que aspira ser um discípulo genuíno de Cristo, sendo muito mais suscetível ao tropeço na fé e às ciladas do inimigo (Os 4.6). Discípulos que não se esmeram na busca do conhecimento da vontade revelada do Senhor em sua Palavra escrita, conseqüentemente acabam por criar um pseudo Evangelho, baseado em suas vontades e não em Cristo! (PACKER, 1996, p. 19-21).

Sendo a Bíblia a Palavra de Deus, inspirada pelo Senhor, ela é capaz de orientar os discípulos, fornecendo esclarecimento seguro sobre o querer do Mestre Jesus. Tal instrumentalidade das Escrituras Sagradas fora reconhecida pelos primeiros discípulos no passado, podendo ser percebida nas páginas do Novo Testamento sua utilidade para guiar, orientar, corrigir e encorajar o discipulado cristão, conforme apontado pelo apóstolo Paulo ao também discípulo Timóteo (2Tm 3.16-17) (BÜRKI, 2007, p. 54-56).

Além do mais, Jesus destaca, no verso 32 do capítulo 8 do Evangelho segundo João, que o conhecimento de sua Palavra traz verdadeira libertação. Conforme o indivíduo conhece o ensino de Cristo e expõe o seu coração à Verdade, cadeias de ignorância são desfeitas e o discípulo passa a ser encorajado à santidade, em conformidade com o padrão de vida desejado por Jesus (RICHARDS, 2012, p. 682). “Quando conhecemos a Palavra de Cristo, crescemos em conhecimento espiritual e, ao crescer em conhecimento espiritual, crescemos em liberdade do pecado. A vida conduz ao saber, e o saber conduz à liberdade” (WIERSBE, 2006, v. 1, p. 414, 415).

Outro detalhe referente a indispensabilidade da busca da Palavra de Cristo é apontado no versículo 37, em que o Mestre Jesus declara que aqueles que não creram em sua pessoa e procuravam matá-lo, faziam-no porque não havia lugar em seus corações para o λόγος, a sua Palavra. Compreende-se a partir desta expressão que uma das marcas claras e reconhecidas por Jesus relativa àqueles que creem em sua pessoa e são seus discípulos é o guardar de sua Palavra; marca esta que por sua vez não fora encontrada naqueles opositores judeus (DAVIDSON, 1997, p. 1974). Além disso, o termo usado no grego para *lugar é chōrei* (χωρεῖ), e na colocação do texto pode expressar mais que apenas não haver um lugar, mas sim que aquele indivíduo que ouviu a Palavra de Jesus e ativamente se negou a dar espaço, negou-se a receber/aceitar, negou-se a buscar, negou-se a crer (GINGRICH, DANKER, 1993, p. 225). Ressalta-se ainda mais que, aquele que é

um discípulo de Jesus, não deve abster-se da receptividade contínua da Palavra de Jesus Cristo.

Por fim, é necessário frisar mais um detalhe que o contexto do referido texto em destaque traz. Segundo as palavras do próprio Jesus, a busca do seu ensino, de sua Palavra, é uma amostra de pertencimento. Pois, apenas os seus discípulos, libertos pelo conhecimento de sua Palavra, aqueles que se dispuseram a crer no seu Evangelho, é que buscam conhecer e tem capacidade de compreender seu ensino. Os versos 43 e 47 do mesmo capítulo destacam tal argumentativa, pois aqueles que se negavam a crer em Cristo e mantinham-se presos por Satanás, não evidenciavam a mínima capacidade de compreensão de suas palavras. Pelo contrário, eram débeis e fechados a verdade de Jesus, rejeitando-a inteiramente mediante seus argumentos culturais e religiosos falidos, pois suas mentes e corações estavam fechados à sua mensagem (WIERSBE, 2006, v. 1, p. 414, 415). Sendo assim, a busca e compreensão das palavras de Jesus, evidenciam a condição discipular genuína.

Assim, compreendida aqui a relevância e indispensabilidade da busca constante da Palavra, o ensino de Cristo aos seus discípulos, passar-se-á então à abordagem da aplicabilidade deste conhecimento, pois não basta apenas o esforço pelo conhecimento da verdade; esta precisa encontrar significância na vida do discípulo de Jesus!

## 1.2 PERMANÊNCIA NA PRÁTICA DA PALAVRA

Outro aspecto do permanecer na Palavra de Jesus é a constância na aplicação do ensino do Mestre na vida do seu pupilo. O real discípulo de Cristo permanece na prática das Palavras orientativas de Jesus, encontrando significado para estas no seu dia a dia. Compreende-se que permanecer em sua Palavra é crer e obedecer, e não apenas crer; assim, o verdadeiro discípulo é aquele que tem um compromisso prático com a Palavra de Deus (CASIMIRO; LALLI, 2012, p. 22).

Por isso, permanecer na Palavra significa não apenas ouvir o que as Escrituras dizem, mas meditar e colocar em prática os ensinamentos de Jesus para que estes se tornem parte de sua vida, de sua essência. Pois para o discípulo de Jesus, as Escrituras são um guia à vontade aplicada do seu Mestre (KUNZ, 2020, n.p.). Além do mais, obediência ao querer do Mestre Jesus Cristo deve ser o distintivo de todo discípulo, pois este acata o ensino do Mestre, entendendo que estes consistem em vida eterna para si (PHILLIPS, 2013, p. 39).

Não apenas isso, o discípulo desenvolve uma vida prática do ensino de Jesus movido por um sentimento de amor para com seu Mestre. O discípulo não obedece apenas e meramente por ser este um meio de desfrutar de benefícios particulares, mas sim, por entender que a aplicabilidade dos conselhos de Cristo constitui-se em amor prático por Jesus. Isso fora declarado pelo próprio Mestre em João 14.21,23-24, ao afirmar que quem o ama, guarda a sua vontade obedecendo-a. A estes, Jesus declara que devido a tal postura para com seu ensino, serão amados por Deus, se tornarão morada do Pai, do Filho e do Espírito Santo e, além disso, desfrutarão da revelação gloriosa de Jesus em suas vidas (NATION, 2010, p. 88-90). Ademais, a obediência a Cristo, como Mestre, faz-se real na vida do discípulo pela compreensão que seu ensino é dirigido e autenticado pelo Pai, mediante Jesus. Este entendimento não fora claro aos opositores de Jesus durante sua vida terrenal, que se negaram a crer e obedecer à sua Palavra. A estes, Jesus declarou que não tinham o Pai, por não o amarem e não guardarem a sua vontade (BOOR, 2002, p. 209-210).

Como mencionado anteriormente, a prática da Palavra instrutiva de Jesus é tida pelo próprio como distintiva àqueles que lhe pertencem. O texto de João 17.6-8 demonstra o reconhecimento declarado da parte de Jesus diante de Deus Pai, relativo a aqueles que o Pai lhe havia dado (BRUCE, 2008, p. 1742). Embora o texto se refira aos seus primeiros discípulos, o conceito dis-

tintivo também pode ser aplicado aos discípulos vindouros, que segundo o Senhor são indivíduos que obedecem à sua Palavra, como palavras vindas da parte do Pai por meio do Mestre Jesus. Sendo assim, a permanência na obediência ao ensino de Jesus é uma marca clara daqueles que são seus.

Tal reconhecimento também pode ser percebido em âmbito de consciência popular do mundo onde Jesus vivia. Embora muitas pessoas fossem chamadas de discípulos, além dos Doze (Jo 6.66), na realidade o eram apenas aqueles que se aplicavam a observância de seu ensino. Quando aparentes discípulos, meros seguidores temporários, deparavam-se no ensino de Jesus com algo que os perturbava e se negavam a aplicá-lo, afastavam-se deste, abstendo-se da condição discipular. Em sentido mais amplo, apenas aqueles que permaneciam na prática de seu ensino eram de fato seus discípulos (Jo 8.31), reconhecidos até mesmo como tais pela comunidade judaica (OAK, 2006, p. 126).

Coenen e Brown apontam que a referida permanência em Cristo e na sua Palavra é uma expressão muito mais profunda que mera observação de uma lista de regras religiosas, mas, por sua vez, a permanência no ensino do Mestre reflete total sujeição ao seu senhorio. Esta permanência imprime a realidade de que o indivíduo se fez possessão do Cristo, no tocante as mais profundas áreas do seu ser. Afirmam ainda que tal experiência importa em salvação tornada palpável, como expressão da vida e natureza de Cristo nas atitudes do ser humano.

Logo, "...aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele andou" (1 Jo 2.6). O Cristo que habita nos Seus, ou a vida mediante a palavra de Cristo, exige e forma uma vida em conformidade com Seu espírito e natureza, e deseja e realiza a santificação, "Aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente" (1 Jo 2.17) (COENEN, BROWN, 2000, p. 1652).

Além do mais, a permanência referida em João 8.31 também traz a conotação em sua raiz grega de uma expressão utilizada para a pessoa de Deus, que não muda, mas é constante em sua natureza. Ao aplicar-se tal termo ao cristão, aponta-se que este, usufruindo de sua nova natureza em Cristo, pode ser constante na observância à vontade de seu Senhor. Não se deseja aqui entrar em questões soteriológicas, relativas à perda ou não da salvação; apenas reconhece-se que os reais discípulos de Cristo expressam um tipo de constância em Cristo e na aplicabilidade de seu ensino. A falta de tal perseverança, de fato coloca em xeque qualquer conceito meramente etéreo quanto a salvação e condição de discípulo (COENEN, BROWN, 2000, p. 1650-1652).

Também, menciona-se que a permanência na obediência ao ensino de Cristo oferece benefícios aos seus. Quando o discípulo obedece à Palavra de seu Senhor, desfruta de crescimento em conhecimento espiritual, encontrando e provando de significância do querer de Jesus em sua vida prática. Além do mais, o indivíduo que se esmera continuamente na prática da vontade expressa de Jesus em sua Palavra, cresce em liberdade do pecado, conforme João 8.32. Wiersbe resume estes benefícios da seguinte forma: “A vida conduz ao saber, e o saber conduz à liberdade” (2006, v. 1, p. 414).

De fato, apenas obter conhecimento intelectual e racional da vontade do Senhor Jesus expressa nas linhas das Escrituras não é suficiente para a condição salvífica, e por conseguinte, a vida discipular; necessário é a aplicabilidade constante da mesma à vida do indivíduo (GUSSO, 2009, v. 1, p. 21-24). Mas também, além desta aplicabilidade do ensino de Jesus, o indivíduo que está sujeito ao senhorio de Cristo deve exclusiva dedicação à permanência em sua Palavra, e apenas em sua Palavra. A sessão seguinte esclarecerá este conceito.

### 1.3 PERMANÊNCIA NA PALAVRA E APENAS NA PALAVRA

A permanência é um tema de importante relevância no Evangelho segundo João, sendo que das 116 vezes que o termo (grego) aparece no Novo Testamento, 40 vezes ocorrem no registro joanino (COENEN, BROWN, 2000, p. 1651). A permanência é apresentada nas palavras de Jesus como exatamente aquilo que separa a falsa fé da verdadeira fé salvífica. Nos discursos de Jesus, aparentes discípulos, que se portam de forma instável em relação ao seu ensino, não são discípulos genuínos. Por isso, o Mestre pontua de forma clara e enfática: “Se vocês permanecerem firmes na minha palavra, verdadeiramente serão meus discípulos” (CARSON, 2007, 348).

O verbo utilizado no verso em questão, traduzido por *permanecer*, é *meinēte* (μείνητε), derivado da raiz *menō* (μένω), que também pode trazer a conotação de guardar, basear, ficar, continuar, morar, ater-se – tema de relevância que voltará ser abordado com ênfase no capítulo 15. Em suma, Jesus está pontuando que a perseverança é uma das marcas da verdadeira fé, marca dos seus verdadeiros discípulos! Estes, permanecem em sua Palavra (*logos*), o seu ensino. Para tanto, estes indivíduos que almejam a vida discipular, estribam-se sobre sua Palavra para entendê-la melhor e a tem por preciosa, correta e segura, ainda quando precisamente outras forças se opõem declaradamente a ela (CARSON, 2007, p. 348-349).

Lembra-se que neste episódio, em que o verso de João 8.31 se encontra, muitos judeus haviam crido nele. Jesus sabia muito bem que embora a intenção superficial, e talvez bem emotiva daqueles indivíduos fosse crer de fato em seu ensino e em sua Pessoa como o Filho de Deus, certamente chegaria o momento em que tal desejo seria questionado, seja por outrem ou até mesmo pelos desejos humanos. Tal movimento que aqueceu rapidamente os corações daqueles judeus e os motivou à fé, poderia ser posteriormente sufocado por outras influências, preocupações e desejos, assim como aconteceu no terreno pedregoso e espi-

nhoso na parábola do semeador, contada outrora por Jesus (Mt 13.20-22). Sendo assim, Jesus pontua a necessidade indispensável do permanecer em seu ensino (BOOR, 2002, p. 132).

Além do mais, o evangelho joanino aponta exemplos práticos de indivíduos que por hora se encontraram divididos entre permanecer em Cristo e seu ensino e agradar outros senhores ou até mesmo seus intentos humanos. Podem ser mencionados três exemplos: Nicodemos, líderes judeus inominados e José de Arimateia. Discorrer-se-á sobre tais casos.

João 3.1-21, 7.50-51 e 19.39 descrevem a jornada crescente de Nicodemos em relação ao Evangelho de Jesus. Primeiramente ele busca um encontro com Jesus, para ouvi-lo; em um segundo momento, demonstra considerar como genuíno o que Jesus fala; já em um terceiro momento, Nicodemos assume publicamente sua proximidade com Jesus, colocando-se em risco em relação a retaliações dos líderes judeus por fazer o sepultamento deste. Nicodemos é uma amostra de alguém que estava dividido entre o permanecer em Cristo e seu ensino ou permanecer no ensino judaico e seus aparentes benefícios. Por fim, assume seu apego a Jesus Cristo, agindo de forma a desconsiderar as acusações feitas pelos demais líderes judeus, pois, se de fato Jesus fosse um pecador, blasfemo e agitador de multidões, Nicodemos não se importaria em sepultar seu corpo com tanto cuidado (BOOR, 2002, p. 261-262).

Um segundo exemplo relativo ao tema em questão são os líderes judeus inominados, descritos em João 12.42-43. Tais indivíduos presenciaram muitos feitos milagrosos de Jesus, além de ouvirem sua prédica. Mas embora se sentissem tocados com tais sinais da grandiosidade de Jesus e de sua mensagem, não se dispuseram a uma entrega a permanência em Jesus. O evangelista João menciona que apesar de serem de forma momentânea em Jesus, tal fé não fora capaz de fazê-los permanecer exclusivamente no ensino do Mestre. Pois estavam com o coração dividido entre a aprovação dos demais líderes religiosos e a aprovação de

Deus, entre os benefícios que tais poderiam lhes ceder e as eternas bênçãos dos Céus, entre seus lugares na sinagoga e o lugar na casa de Deus, entre o status de líderes judaicos e a posição de servos do Senhor Jesus (ALLEN, 1983, v. 9, p. 374-375).

Visto que assim agiram, Jesus é claro em apontar que embora os tais cressem momentaneamente em sua pessoa (v. 42), não tinham fé suficiente para apegar-se a realidade de sua obra messiânica (v. 44-46). Segundo Jesus, tais indivíduos que permaneceram com os corações divididos, na realidade permaneciam nas trevas (v. 46). Além do mais, dos versos 47 a 50 é lembrado o tema discorrido nesta sessão, pois Jesus pontua que aquele que ouve o seu ensino e não permanece neste, por este mesmo ensino será acusado e condenado no último dia (BARCLAY, 2012, v. 5, p. 421-422).

Um terceiro exemplo a ser discorrido é o de José de Arimateia, mencionado em João 19.38-42. Em conjunto com o exemplo anterior – Nicodemos –, José corajosamente assume responsabilidade pelo corpo de Jesus, após sua crucificação e morte, sepultando-o com honras judaicas. O evangelista faz questão de mencionar a posição de José em relação ao discipulado de Jesus, apontando que este tinha certo apego ao ensino do Mestre, mas em secreto, devido a receios de julgamentos por parte dos líderes judeus. Mas neste momento em questão, assim como Nicodemos, José assume publicamente a sua concepção a respeito de Jesus, colocando-se em riscos eminentes ao oferecer cuidados fúnebres ao corpo do Senhor. José sai das sombras, rompendo com a dualidade de permanência (permanecer em Jesus *versus* permanecer no judaísmo), chegando ao ponto de apresentar-se diante de Pilatos para solicitar a liberação do corpo de Jesus ao sepultamento. Certamente, tal atitude foi de completo conhecimento diante da comunidade judaica, tornando-se inevitável o reconhecimento de José como um discípulo de Jesus, pois a morte deste tinha sido notícia em toda Jerusalém e região (Lc 24.18) (ALLEN, 1983, v. 9, p. 416-417).

Tais exemplos demonstram que aqueles indivíduos que tentarem viver na dualidade, acrescentando algo a mais ao ensino de Jesus, ou seja, serem adeptos do seu Evangelho e algo mais, não conseguirão permanecer em tal condição por muito tempo. Sempre será necessário haver um cisma, uma decisão, sendo que o permanecer na dualidade já torna-se uma decisão pela negação a Cristo, conforme as palavras do mesmo. Nicodemos e José de Arimateia romperam com a opinião dos líderes religiosos e com o judaísmo, assumindo a permanência no ensino de Jesus. Já aqueles líderes judaicos foram reprovados a vida discipular pelo próprio Senhor Jesus, pois a permanência na dualidade tornou-os inaptos para a condição de discípulos genuínos do Mestre.

Esta dualidade acontece no coração de um ser humano devido a confusão de intentos distintos em seu íntimo. Este indivíduo pode até ser simpatizante do Evangelho de Jesus (mediante uma compreensão deste em aspectos apenas racionais), mas também o é em relação às coisas da presente era. Tal apego às coisas desta vida terrena o levam a acrescentar elementos periféricos e infinitamente inferiores ao ensino de Jesus, para assim atender aos seus instintos e prazeres. Sendo assim, não é de se espantar o estrondoso número de movimentos religiosos que surgiram desde a vida terrenal de Jesus, adicionando outros ensinamentos ao evangelho de Cristo; tudo isso na busca da satisfação dos desejos carnis humanos que prevalecem a piedade no coração do indivíduo (MADUREIRA, 2019, p. 21-22).

Por isso, é necessário àquele que deseja genuinamente ser discípulo de Jesus atender a tal condição: permaneça na Palavra pura de Jesus e apenas na sua Palavra! (KUNZ, 2020, n.p.) Tal implicação é exposta pelo Senhor aqueles que desejam segui-lo como seus discípulos, pois a expressão grega utilizada para condicionar a permanência no ensino de Jesus pode também ser traduzida na conotação da necessidade de fixar-se em uma doutrina exclusiva, que não permite decisão dúbia (COENEN; BROWN, 2000, p. 1651).

Ademais, a permanência na Palavra de Cristo, e apenas na Palavra, garante as mais ricas bênçãos e satisfações, garantidas pelo próprio. Segundo Jesus, aquele que permanece no ensino de Cristo, prova de constante e genuína liberdade (Jo 8.32). Também, o indivíduo que se deixa ser ensinado por Jesus, que ecoa a voz do Pai, recebe do Senhor vida eterna e será ressuscitado no último dia (Jo 6.44-47). Aquele que ouve o seu ensino, como realmente vindo da parte de Deus e oferece lugar em seu coração para este, pertence de fato ao Pai (Jo 8.47). Ainda, quem ouve a palavra de Cristo e permanece nesta, tem relacionamento direto com o Pai, por meio de Jesus, sendo demonstrado pelo privilégio de pedir algo (concordante com a vontade do Pai) e receber do Senhor (Jo 15.7).

De forma contrária, quem não acata o ensino de Cristo, mas vai além deste, não tem o Pai e nem as bênçãos concernentes a sua filiação celestial (Jo 8.34-47). Tal compreensão é ressaltada no decorrer do Novo Testamento, demonstrando ser uma condição conhecida entre os discípulos do Mestre Jesus, conforme 2 João 9, Hebreus 3.14 e Apocalipse 2.26 (CARSON, 2007, p. 348-349).

Pontua-se ainda que, a permanência na Palavra de Cristo reflete de forma notável a vida de Jesus impressa no caráter do discípulo. Uma das marcas claras desta vida sobrenatural no indivíduo que permanece no ensino do Senhor, é o amor ao padrão do Mestre Jesus - assunto que será abordado a seguir.

## **2. AMOR AO PADRÃO DE JESUS (JOÃO 13.34-35)**

Um novo mandamento lhes dou: Amem-se uns aos outros. Como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros. Com isso todos saberão que vocês são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros (BÍBLIA, João 13.34-35, 2000, p. 838).

Além da permanência no ensino de Jesus, outra marca distintiva dos discípulos é o amor aos semelhantes ao padrão de seu Senhor. Este amor, por sua vez, não se refere a um amor meramente humano, mas sim, um amor advindo dos Céus, emanado do coração de Deus, personificado por Jesus e implantado pelo Espírito Santo na vida daqueles que se tornam sua morada. Segundo Jesus, este amor um tanto quanto diferenciado, seria reconhecido pelos seres humanos como uma marca de identificação daqueles que pelo amor do Senhor foram tocados e transformados, tornando-se seus discípulos. Ainda, esta forma de amar tornar-se-ia testemunho de Cristo ao mundo, ao passo que o caráter amoroso de Jesus é expresso por meio do trato cristão (HARRISSON, 2017, v. 2, p. 440).

Destaca-se que no Novo Testamento duas expressões gregas são utilizadas para expressar o amor: *philia* e *agápe*. *Philia* (φιλία) geralmente designa um amor por amigos, ou até mesmo pela pátria. Porém, o amor *agápe* (ἀγάπη) remete a um amor mais ligado a ações do que a emoções, amor que é livre da ideia de necessariamente gostar de algo, mas que se move de forma altruísta em favor de outrem. No texto de João 13.34-35, base desta unidade, os termos gregos utilizados para o mandamento do amor, são derivados da raiz *agape* (COENEN; BROWN, 2000, p. 116-121). Sendo assim, Jesus requer de seus discípulos um amor prático, movido por impulso altruísta, de forma que reflita o amor divino.

Tal requisição deste amor é exposta por Jesus no teor de um novo mandamento. Embora o amor já tivesse sido exigido outrora, no Antigo Testamento, Jesus o expõe em sentido de novidade devido a motivação para tanto, a qual agora seria movido a partir da ciência da manifestação do amor de Deus em Cristo. Quanto a este amor, Wiersbe argumenta:

É uma palavra-chave na mensagem de despedida que Cristo transmitiu a seus discípulos, bem como a tônica da sua oração sacerdotal (Jo

17.26). O adjetivo “novo”, no versículo 34, não se refere a algo “cronologicamente novo”, pois desde o tempo do Antigo Testamento, o amor sempre foi importante para o povo de Deus (ver Lv 19.18). Antes, se refere a “algo inédito ou original”. É o oposto de “desgastado”. A morte de Cristo na cruz daria novo poder e significado ao amor (Jo 15.13). Com a vinda do Espírito Santo, o amor teria novo poder na vida dos discípulos (WIERSBE, 2006, v. 1, p. 449).

Os versos em questão expressam algumas palavras de Jesus na noite em que este foi preso. Os acontecimentos que rodeiam e contextualizam este pedido de Jesus expressam a consumação da salvação da humanidade caída, mediante seu amor divino sendo aplicado na prática. Interessante é notar que Jesus instrui seus discípulos a amarem uns aos outros no mesmo padrão ao qual Ele mesmo estava os amando. Confirma-se isso pelo uso do mesmo termo *ágape* no verso 2 do mesmo capítulo, em que se afirma que Jesus amou os seus até o fim. Este ensino é categoricamente uma aula prática do Senhor aos seus discípulos, a qual não se limita apenas aqueles onze homens, ouvintes primários, mas a todos aqueles que aspiram a vida discipular! (MURRAY; STEVENS, 2010, p. 12).

Sendo assim, diante de tal condicional, é impossível que um indivíduo seja discípulo de Cristo sem amar os seus irmãos na fé. Mas lembra-se que tal amor não se restringe apenas aos irmãos, mas engloba todos os seres humanos, pois o padrão que se utiliza para o trato cristão deve também ser utilizado para com os de fora. Ademais, o amor ao padrão de Jesus envolve todos os relacionamentos e isso inclui até mesmo os inimigos (Lc 6.32, 35). Por isso, todo aquele que deseja ser discípulo de Jesus deve amar como Ele amou (SOLONCA, 2002, v. 4, p. 40).

Ainda, o discipulado de Jesus está intimamente ligado ao relacionamento com o próximo. Jesus não chama os seus seguidores para uma vida de isolamento, em que a espiritualidade é desfrutada na individualidade; pelo contrário, Jesus desafia

aqueles que se lançam à vida discipular ao desenvolvimento da vida com Deus na coletividade, pois mediante o seu Evangelho, o indivíduo ingressa na família de Deus, na qual desfrutará da unidade com os semelhantes mediante o vínculo do Espírito (Jo 17.20-23) (SANDERS, 1995, p. 28). Portanto, o amor mútuo deve ser característica dos discípulos de Jesus (JONES, 1986, p. 29), sendo tal atitude uma amostra clara e palpável de sua experiência pessoal para com o amor de Deus, pois aquele que diz que provou do amor de Deus e que ama ao Senhor, deve amar a seus semelhantes também (1Jo 4.19-21) (PHILLIPS, 2013, p. 64).

Por fim, menciona-se que existem grupos religiosos que se distinguem dos demais seres humanos através do uso de roupas especiais, adereços, distintivos e togas para serem identificados como integrantes de um movimento. Mas no tocante aos discípulos de Cristo, estes não precisam de roupas especiais, mas de atitudes que os caracterizem como seguidores de Jesus – e o amor de Jesus é uma destas (PHILLIPS, 2013, p. 64). Na sequência, discorrer-se-á sobre como tal atitude de amor cristão se distingue do amor meramente humano e como este padrão de Jesus se aplica no cotidiano do discípulo.

242

## **2.1 AMOR QUE INDEPENDE DE CONDIÇÕES PARA AMAR (INCONDICIONAL)**

A primeira nuance deste amor que Jesus deseja de seus discípulos é o amor incondicional, aquele que independe de condições favoráveis para tocar os seus alvos. Como em quaisquer condições impostas por Jesus aos seres humanos, Ele se submete primeiramente a este jugo. O enredo contextual em que Jesus desafia os seus seguidores ao cumprimento do amor como um novo mandamento é colorido pelo seu exemplo intitulado como lava pés (Jo 13.2-17). Este evento aponta aos discípulos, mediante uma ação parabólica do Mestre, como Ele agiria em relação aos pecados da humanidade, à saber, os pecados deles.

Nitidamente, Jesus usa-se desta dramatização para esclarecer a sua obra redentora, a qual providenciaria aos seus discípulos, purificação de todas as suas sujeiras, ou seja, seus pecados. Tal ação purificadora imprime o amor incondicional de Deus, expresso através de Jesus, em relação àqueles que não o mereciam (CARSON, 2007, p. 484).

Indo além, no verso 14 do referido capítulo, após a sua dramatização, Jesus olha para seus discípulos e lhes propõe uma condição frente a seu ensino: como eu fiz, façam uns aos outros. Ou seja, o amor incondicional prático que fora expresso por Jesus ao perdoar e purificar os erros dos seres humanos, deve ser também praticado pelos seus discípulos. Tal condicional à vida discipular é enfática nos versos 13 e 14 – “...se vocês me chamam de Mestre...” – pois só o tem como Mestre, aquele que se torna seu discípulo. Assim, Jesus desafia aqueles que aspiram viver seriamente o seu discipulado a amar ao seu padrão demonstrado, amar incondicionalmente (CARSON, 2007, p. 484-485).

Estes mesmos discípulos que ouviram o desafio de Jesus, somente alguns dias depois, puderam apreciar o padrão de amor escandaloso e não limitado a ventos favoráveis para se mover, pois o viram estampado na cruz. Este amor da parte de Jesus, exploraram e presenciaram durante toda a sua peregrinação com o Mestre (CARSON, 2007, p. 484-485). Além do mais, durante seu ministério terreno, Jesus concedeu muitas outras amostras de sua forma incondicional de amar. Mencionar-se-ão apenas três episódios, em que este amor também pode ser notado:

- a) Comparando os textos de João 1.11, 3.16 e 12.47b, pode-se perceber que o amor de Jesus – e por conseguinte do Trino Deus – independe da receptividade humana, pois apesar de rejeição da pessoa de Jesus por parte de muitos seres humanos, Deus permanece com seu propósito salvífico por amar o mundo (BARCLAY, 2012, v. 5, p. 68, 152).

- b) O amor que independente das barreiras e preconceitos estabelecidos pela sociedade pode ser percebido em João 4.1-42. Neste trecho, Jesus ignora os estigmas popularmente estabelecidas quanto aos samaritanos e à figura feminina. Jesus quebrou as barreiras sociais, estando junto e dedicando sua atenção a uma mulher samaritana com um passado obscuro e posteriormente a um povoado samaritano. Nisto Jesus demonstrou o valor que estes tinham diante de seu amor incondicional! (WIERSBE, 2006, v. 1, p. 385-387).
- c) Em João 20.24-29, Jesus expressa o amor que independente de confiança de outrem, mas que se compadece da descrença. Neste episódio, o discípulo Tomé duvida de sua ressurreição física preanunciada outrora. Mas diferente de qualquer indignação reprovativa, Jesus deseja-lhe paz, concede-lhe a oportunidade de presenciar sua gloriosa ressurreição e amavelmente o desafia à fé (WIERSBE, 2006, v. 1, p. 508-510).

244

Estas ações e reações de Jesus, assim como as muitas outras descritas nos evangelhos, exalam seu amor incondicional pelos seres humanos. Seus discípulos têm a oportunidade e a incumbência de imitá-lo neste quesito, usando-se deste amor, que segundo o próprio, testemunhará publicamente do Senhor na vida do discípulo. Lembra-se, porém, que para tanto, amar incondicionalmente requer sacrifício próprio, ao passo que Jesus também exige o sacrificar-se em favor do outro – seja para servir, cuidar, suprir, perdoar, exercer longanimidade, etc... Mesmo que este amor fique mal-entendido diante das pessoas, assim como Jesus o foi, este deve ser um eco na contemporaneidade do amor maior expresso na cruz! (MOORE, 1995, p. 22). Portanto, o amor incondicional é próprio aos seguidores de Cristo.

Contudo, alguns discípulos de Jesus podem objetar o condicionamento da prática do amor cristão à oposição da maldade dos seres humanos atuais, afirmando que não há

como amar em determinadas circunstâncias desfavoráveis. Porém, estes mesmos homens maus são a razão de Jesus invadir a história humana, pois Ele veio para redimi-los. É por isso que o evangelho de Jesus deve ser testemunhado através da conduta amorosa de seus discípulos, mediante os relacionamentos interpessoais destes. O discípulo é alguém que é envolvido na vida das pessoas, amando-as da forma que Jesus ensinou (HENRICHSEN, 2002, p.16).

Assim, o amor dos discípulos de Jesus precisa independer de um terreno fértil para o seu florescimento, mas deve estar realmente arraigado na condição do amor divino. Desta forma, o amor incondicional deve ser característico e natural ao genuíno discípulo do Senhor. O amor dependente de boas condições para sua expressão é meramente humano e qualquer indivíduo pode praticá-lo; mas o amor que ultrapassa as barreiras condicionais é divino, advindo do toque de Deus. Além do mais, esse amor incondicional é marca expressa da natureza de Deus no coração de um ser humano, amostra bíblicamente comprovada de um novo nascimento e condicional à vida discipular. Só um discípulo de Jesus, aquele que é nascido de novo, pode amar desta forma! (MCKINLEY, 2011, p. 126-127).

Como pontuado no início desta sessão, Jesus desafia os seus a amarem ao seu padrão, demonstrado em sua oferta pelo pecado da humanidade, para a purificação dos alvos de sua ação. É interessante notar que ao mesmo tempo em que estabelece esta condicional aos seus discípulos, Jesus oferece-lhes um padrão avaliativo pessoal da aplicabilidade desta condição: “Como eu os amei...” (Jo 13.34). Nisto, o Mestre Jesus derruba toda e qualquer possibilidade de comparação em aspectos meramente humanos, com os demais irmãos. O único comparativo ao qual o discípulo deve se ocupar é em avaliar sua vida frente ao amor incondicional de Jesus (CARSON, 2007, p. 484). Tal autoexame é capaz de revelar o quanto o ser humano, até mesmo muitos discípulos, estão envoltos em um amor limitado a boas

condições para sua frutificação. Tal amor, não passa de interesse humano, sendo conduzido por sentimentos egocêntricos do indivíduo, que hora age visando lucros, hora age produzindo a vingança carnal. Já o amor incondicional, advindo de Jesus, morre para si, para dar-se em favor do outro – assunto este que será esclarecido no pronto seguinte.

## 2.2 AMOR QUE PRIORIZA O OUTRO (ALTRUÍSTA)

Outra característica do amor cristão é que diferente do amor natural aos seres humanos, este pende para os interesses e necessidades do outro. Embora quase na totalidade as pessoas achem muito nobre o ato de amar, nem sempre amam de forma totalmente despida de interesses particulares. Uma nuance clara daquele que provou de um real encontro com Jesus, tornando-se seu discípulo, é o amor desprendido de si e apegado ao outro. Pois este foi o modo característico de Jesus amar as pessoas à sua volta. Senso assim, esta ótica de direcionamento do amor é distintiva aos reais discípulos do Senhor (MCKINLEY, 2011, p. 96, 99).

Vale ressaltar aqui a realidade de que Deus é amor (1Jo 4.8) e que, através de Jesus, demonstrou tal amor aos homens, conforme afirma João 3.16. Ainda mais, sabe-se que a forma de Deus amar o ser humano – sentimento este que é compartilhado com Jesus – é totalmente desinteressado de si, de ego e de interesses pessoais. É amor altruísta, totalmente voltado para o outro, pois a execução da obra de redenção da humanidade não se deu devido a alguma necessidade particular do Deus Trino, mas somente pela necessidade da humanidade. Cabe também lembrar, que ao vir ao mundo, aquele que é o amor, não se abalou pelo fato de seu amor personificado não ser bem recebido pela humanidade (Jo 1.11), mas permaneceu amando-os desinteressadamente aqueles que estavam perdidos (Jo 3.16) (MCKINLEY, 2011, p. 128).

Tal amor da parte do Trino Deus, destaca-se no trecho de João 13.1, em que é relatada a atitude altruísta de Jesus em favor de seus discípulos. Certo é que Jesus, como Deus Filho, sabia de todas as coisas, tendo conhecimento dos fatos vindouros, em que seria traído e abandonado por seus discípulos. Mesmo assim, o evangelista afirma sem hesitar, que Jesus amou os seus e amou-os até o fim. Menciona-se aqui uma segunda alternativa de tradução a tal verso, em que este poderia ser colocado como “...mostrou-lhes então que os amava perfeitamente” (CARSON, 2007, p. 461). Tal posição de Jesus é surpreendente e realmente desinteressada de si, pois ao afirmar que ele amou perfeitamente os seus até o fim, significa que Ele amou Judas, que o traiu e o vendeu; a Pedro, que o abandonou; e a Tomé, que duvidou de sua ressurreição prenunciada. Somente um amor compassivo e altruísta seria capaz de tanto!

Sendo assim, o amor de Deus, expresso na pessoa de Jesus, é totalmente altruísta e, além disso, um amor misericordioso, pois, apesar de não buscar benefícios próprios, Deus não permite que aqueles que são alcançados por seu amor sofram as consequências justas dos seus erros, pois Ele assume as custas. Este amor divino é chamado por Keller de inconsequente, no qual o Deus Trino se deixa gastar em favor do alvo de seu amor (KELLER, 2010, p. 14-15). Aqueles que são alcançados por tal amor, devem também amar com este mesmo padrão de amor, que pode ser considerado como uma louca forma de amar por aqueles que presenciam sua atuação. Essa é a expressão da efetividade deste amor na vida do indivíduo que se tornou discípulo de Jesus. Para este, o necessitado, o aflito, o pobre e aquele que está em faltas se tornam alvos de um amor totalmente desinteressado consigo mesmo, assim como Jesus o faria (CHAN; YANKOSKI, 2011, p. 80).

Ademais, deve-se frisar a expressão de Jesus registrada em João 12.25-26, em que este afirma que aquele que aspira ser seu discípulo, deve odiar a própria vida e pôr-se onde Jesus está.

Embora possa parecer um pouco escandalosa a expressão *odiar*, esta remete a um grandioso e gritante nível de rejeição de si, uma abnegação característica ao padrão de ser de Jesus. Significa virar as costas a ela como sendo de importância secundária em comparação com a causa que interessa mais, assim como foi mostrado na prática do Mestre. Quanto ao lugar onde Jesus está, menciona-se que este não se refere a um lugar geográfico, mas a uma certa posição, uma condição de servidão àqueles a quem Jesus servia.

Viver a vida discipular exige o desprendimento de si, apego à necessidade do outro, a partir da ótica do amor de Jesus, lançando-se ao serviço, como o Mestre o fez. Sabe-se que tal postura é extremamente custosa aquele que se lança ao discipulado cristão. Portanto, Jesus aponta um certo refrigério, como um bálsamo àqueles que odeiam a sua própria vida e gastam de si em favor do outro: este será honrado pelo Pai! Salienta-se que Jesus não está pontuando aqui uma motivação interesseira a qual o discípulo deve focar, mas que quando movido por amor desapegado de si, após gastar-se em favor do serviço altruísta, este indivíduo terá da parte de Deus Pai honrosas recompensas (BRUCE, 2008, p. 1734).

Para tanto, não há como este padrão de amor de Deus estar habitando na vida de um indivíduo sem que este transborde-o em atos de misericórdia e servidão para com os necessitados. Este indivíduo pode até afirmar eloquentemente ter conhecido o amor de Deus, mas se não aplicar a perspectiva do amor de Jesus, suas declarações de fé tornam-se vazias (MCKINLEY, 2011, p. 99). Confirma-se esta compreensão do ensino de Jesus sobre o amor prático que prioriza o outro na conduta dos primeiros cristãos:

Parece que esse tipo de amor pelos pobres marcou fortemente os primeiros cristãos. Por volta de 45 a.C., houve uma fome que irrompeu em Jerusalém que teve impacto tremendo nos cristãos

daquela cidade. As igrejas da Macedônia, por causa disso, doaram generosamente para esse esforço de auxílio, mesmo sendo eles bastante pobres. Sabemos, também, que congregações possuíam um programa regular de auxílio para viúvas pobres (1 Timóteo 5.3ss), e que o cuidado dos pobres era marca registrada de piedade na igreja em seus primórdios (Atos 9.36ss, Atos 10.4) (MCKINLEY, 2011, p. 100).

Tal postura era reconhecida até mesmo pelos opositores ao Cristianismo, não podendo ser negada a forma diferenciada dos discípulos de Jesus amarem (MCKINLEY, 2011, p. 100). Salienta-se, porém, que tal amor altruísta também deve se fazer presente na vida dos discípulos de Jesus na atualidade, de maneira a impactar os de fora do círculo cristão e chamar suas atenções, conforme as palavras de Jesus em João 13.35.

Além do mais, pode-se fazer um apontamento relativo ao reconhecimento do Senhor Jesus a seu rebanho em função da prática do amor altruísta. O texto de Mateus 25.34-46 registra as palavras de Jesus, concernentes ao seu juízo no último dia, quando suas ovelhas serão separadas dos bodes. Nestes versos, Jesus diz que suas ovelhas, que provarão das alegrias do Reino de Deus, foram aquelas que realizaram o cuidado amoroso ao próximo, seja mediante o suprir do alimento, bebida, vestimenta, hospedagem, cuidados médicos e companhia. Já os bodes, aqueles que sofrerão no inferno o afastamento de Deus, foram aqueles que não se importaram com as necessidades e interesses de outrem (MCKINLEY, 2011, p. 101, 102). Novamente, neste trecho, Jesus aponta que o amor altruísta ao próximo não é um meio de salvação, mas um resultado explícito que evidencia a condição dos seres humanos diante de Deus. Portanto, quem é discípulo de Jesus, necessita evidenciar tal amor! (JONES, 1986, p. 29).

## 2.3 AMOR QUE PERSISTE EM MEIO À FRUSTRAÇÃO (PERSISTENTE)

Outro aspecto do amor cristão exigido por Jesus aos seus discípulos, diz respeito a uma atitude de amor persistente em relação àquele que fere um compromisso, ou seja, aquele que frustra as expectativas de fidelidade. Por vezes, o cristão provará de resultados inesperados daqueles em quem investiu, se doou e cuidou. Sabendo disso, Jesus desafia seus discípulos a um amor não volátil, mas consistente mesmo em meio a frustração da presente vida (BARCLAY, 2012, v. 5, p. 437).

Exemplificar-se-á este aspecto do amor exigido aos discípulos do Mestre, mencionando-se a atitude de Jesus para com Judas Iscariotes. Para compreender tal atitude de Jesus, faz-se necessário relembrar que os líderes religiosos judaicos eram totalmente antagônicos a sua pessoa e a seu ensino. Estes, por sua vez, desejavam condená-lo à morte, mas Ihes faltava em seu plano algum motivo satisfatório para tanto. Certo é que tal plano era de conhecimento popular (Jo 11.45-53; Mt 21.45-46, 22.15, 26.1-5; Lc 22.1-2), pois surge Judas Iscariotes, um dos Doze, propondo-Ihes uma oportunidade para pegar Jesus em alguma brecha. Estes Ihe prometem 30 moedas de prata como recompensa pela vida de Jesus, o que por sua vez agradou a Judas (Mt 26.14-16; Mc 14.10-11) (TASKER, 1980, p. 191-193).

Quanto a tal disposição, surgem os questionamentos: Por que Judas traiu Jesus? Qual a sua real motivação? Como pode alguém viver três anos com Jesus e mesmo assim Ihe dar uma rasteira tão traiçoeira? Embora não se saibam com exatidão essas respostas, existem algumas possíveis motivações.

- a) *Avareza*: Jesus há pouco tinha calado os discípulos que repreenderam a mulher que ungira seus pés. João descreve este fato com detalhes em seu evangelho, dizendo que Judas se indignara com o desperdício do perfume caríssimo que poderia ser vendido e garantir bons lu-

cros. Mas o fez por causa de seu coração pervertido e avaro, pois roubava dinheiro da bolsa dos recursos dos discípulos e de Jesus (Jo 12.4-6). Então há a possibilidade de Judas ter se indignado com o Mestre e tentado obter lucros à custa da vida deste. Se esta foi a real motivação de Judas, este vendeu Jesus pelo preço de um escravo (Êx 21.32). Trágico é notar que as 30 moedas (30 siclos) que Judas ganhou no negócio lhe deram pouquíssimo lucro. Se este foi o real motivo da traição, nota-se o tamanho da avareza e ambição de Judas.

- b) *Desilusão*: Há possibilidade de Judas ter se frustrado tremendamente com Jesus, pois esperava que este fosse um enviado dos céus para liderar uma rebelião contra o Império Romano que tomava toda aquela região e oprimia os judeus. Talvez Judas tenha feito parte durante algum tempo de um grupo revolucionário chamado de sicários, que, se preciso fosse, matavam em favor da liberdade de sua nação. Ao ver que suas expectativas com Jesus se frustraram – pois este estava se dirigindo à cruz nos próximos dias, como já prenunciava –, Judas foi tomado por ódio e decidiu acabar com Ele.
- c) *Manipulação*: Pode ser que Judas jamais tenha desejado a morte de Jesus. Por ver em Jesus um potencial para liderar a rebelião, notou que este estava demorando muito a agir contra o Império, então quis apressar tal revolução gerando um embate. Esta possibilidade embasa-se no fato de Judas ter sido tomado de remorso depois de perceber que iriam crucificar e matar Jesus (Mt 27.1-10) (BARCLAY, 2012, v. 2, p. 753-755).

Mas, em suma, independente da motivação real de seu ato, percebe-se, resumindo as três possibilidades, que Judas era alguém que estava tentando usar Jesus para satisfazer suas vontades particulares. Este trocou Jesus por míseros benefícios que o satisfariam apenas momentaneamente. Deplorável é a notar que

Judas teve o privilégio de conviver três anos pessoalmente com Jesus e mesmo conhecendo o Senhor, não se deixou ser transformado por este. Judas foi totalmente imutável mesmo estando ao lado daquele que tudo pode mudar! (MARTINS, 2020, n.p.).

Embora tenha-se dedicado as linhas anteriores para descrever a pessoa de Judas frente a traição de seu Mestre, o objetivo era sobressaltar a atitude amorosa de Jesus, pois mesmo sabendo da eminente traição, amou os seus, e isso inclui Judas (Jo 13.1). Percebe-se que a atitude deplorável de Judas não mudou o amor constante de Jesus, ou seja, não determinou a forma que este reagiria em relação ao seu ofensor, pois Jesus o amou constantemente enquanto lhe era cabível, sendo que nem mesmo na consumação da referida traição – momento em que Judas entrega Jesus no Jardim do Getsêmani – descrita em João 18.1-8, Jesus o atingiu de alguma forma (BARCLAY, 2012, v. 5, p. 424).

Mas teria Jesus se frustrado com seu discípulo?

252

A realidade é que Jesus não é surpreendido pelo inesperado, por isso jamais se frustraria. Ademais, Jesus sabia de antemão que um dos seus iria traí-lo, o que por sua vez anunciou previamente (Jo 13.10-11) (HARRISSON, 2017, v. 2, p. 437). Mas, mediante este exemplo, Jesus ensina aos seus discípulos a necessidade do amor persistente estendido sobre aqueles que podem ferir as expectativas humanas. A verdade é que os discípulos de Cristo, por estarem condicionados a humanidade, estão sujeitos a frustrações por parte de seus semelhantes (CARSON, 2007, p. 461). Uma coisa é certa: sempre haverá frustração com seres humanos! Por isso, Jesus os ensina o amor persistente sobre aqueles que possam vir a tropeçar, ferindo assim as expectativas que outrora podem ser criadas sobre indivíduos.

Na atualidade, crê-se em uma irrealidade, de que as pessoas não falharão nos relacionamentos, não quebrarão compromissos, não trairão e não abandonarão vínculos de amizades. Por isso, existem tantas frustrações em meio aos relacionamentos,

seja no vínculo cristão ou fora. Muitas crises seriam evitadas se os discípulos de Jesus encarassem de forma madura a realidade das debilidades de outrem quanto à inclinação à quebra de expectativas, e soubessem utilizar este amor perseverante sobre o próximo. Por isso, Jesus desafia os seus a amarem de sua maneira, persistindo mesmo em meio às frustrações dos semelhantes.

## 2.4 AMOR QUE PERDOA O OFENSOR (PERDOADOR)

O último aspecto do amor que distingue os cristãos em relação ao amor conhecido e praticado pelo mundo é o amor perdoador. Certamente este é um dos mais desafiadores de se colocar em prática, mas Jesus o vivenciou frente a sua ordem expressa aos seus seguidores, pois no mesmo capítulo do evangelho joanino em que deixou a ordem do amor, ele mesmo demonstrou amar aqueles que lhe trairiam e o abandonariam (WIERSBE, 2006, v. 1, p. 445). Novamente, Jesus não apenas coloca as condições ao seu discipulado, mas a cumpre como exemplo prático.

Noutro momento, Jesus já havia questionado a prática do amor em nível e capacidade meramente humana, em que se ama apenas aqueles que lhe fizerem bem (Lc 6.32-36). Mas Jesus vai além, encorajando os seus a praticarem um amor sobre-humano, que se estende sobre os inimigos e ofensores, o qual somente alguém que conta com a presença do Espírito Santo é capaz de fazer, pois mediante o Espírito Santo, seus discípulos recebem do amor divino em seus corações (Rm 5.5) (BRUCE, 2008, p. 1560).

Anteriormente já fora mencionado o amor de Jesus para com aquele que o entregou aos guardas que o crucificaram. Agora, exemplificar-se-á este aspecto do amor exigido por Jesus aos seus discípulos, mencionando a atitude deste para com o apóstolo Pedro. Em João 13.36-38, a partir de um questionamento de Pedro, Jesus antevê a negação e abandono deste diante dos questionamentos dos descrentes. Pedro era alguém extremamente precipitado e quase sempre inconveniente em suas

afirmações durante o ministério terreno de Jesus. Não diferente, aqui Pedro afirma que estaria disposto a dar sua vida em favor de seu Mestre; mas Jesus, sabendo de seu futuro, esclarece que embora Pedro tivesse sinceras e boas intenções, o negaria não apenas uma vez, mas três (CARSON, 2007, p. 486).

Exatamente como predito, o evangelho joanino relata a concretização de tal atitude de Pedro em relação a Jesus (Jo 18.15-18, 25-27). Na noite em que Jesus fora preso, Pedro acompanhava-o à distância, indo até a casa do sumo sacerdote. Lá Pedro é questionado sobre sua condição de discípulo por uma serva da casa, por guardas e por um parente daquele a quem Pedro ferira a orelha anteriormente. Apesar de todo esforço humano, Pedro sentiu-se pressionado e cedeu à negação de Jesus, possivelmente por temer a mesma condenação. Após cumprida a palavra de Jesus relativa à sua negação, Pedro percebe-se como um alguém que feriu seu compromisso com o Mestre, e saindo dali pranteou amargamente (Mt 26.75) (WIERSBE, 2006, v. 1, p. 484-486).

254

Confirmando o texto de João 13.1, Jesus amou Pedro até o fim – até mesmo antes de sua negação e abandono. Tal postura do Mestre é reafirmada em suas atitudes descritas em João 20.19 e 21.15-19, onde agora ressurreto, Jesus vai de encontro aos seus discípulos, a saber, de Pedro – aquele que o negara anteriormente. No primeiro texto, João 20.19, é descrita uma aparição de Jesus ao grupo dos discípulos após sua ressurreição. A expressão de Jesus a Pedro e aos demais discípulos é “Paz seja com vocês!” (BRUCE, 1987, p. 334). É no mínimo estranho perceber que embora tenha sido abandonado por todos os seus discípulos, Jesus reencontra-os e deseja paz a estes. Certo é que essa atitude de Jesus causou uma confusão no coração de Pedro, pois se sentiria totalmente inadequado ao discipulado de Jesus. Tanto é que este encontro com Jesus não fora suficiente para encorajá-lo a levantar a cabeça após seu tropeço (WIERSBE, 2006, v. 1, p. 507).

Por isso, em um encontro seguinte com seus discípulos, Jesus dedica uma atenção especial a este. Em João 21.15-19, Jesus dá a seu discípulo uma nova oportunidade para reafirmar seu apego a seu Senhor. Mesmo aparentemente constrangido (21.17), Pedro assegura que ama a Jesus, o qual o restaura e o chama novamente ao ministério que fora convocado há cerca de três anos antes. Mesmo em meio a uma quebra de compromisso, de Pedro para com o Senhor, Jesus amavelmente o perdoa e o convoca para cuidar dos seus irmãos (21.15-17). Além do mais, sabendo plenamente do futuro, agora Jesus reafirma que Pedro iria permanecer firme em sua postura de discípulo sem titubear. Nos versos 18 e 19, o Mestre prediz a perseverança de Pedro e antevê o momento em que este seria martirizado por causa de Cristo. Agora, a constância de Pedro seria real, embasada no conhecimento do amor perdoador de Jesus que o tocou (BOOR, 2002, p. 278-280). Ademais, em uma de suas epístolas, Pedro parece lembrar tal atitude de Jesus para consigo (1Pe 4.8).

Relembra-se que esta atitude de amor perdoador é também praticada pelo Deus Pai em relação a toda a humanidade, sendo que esta atitude é personificada em Jesus, o qual fora oferecido como propiciação pelos pecados daqueles que nele creem. João 3.16 pontua este amor ativo, em busca daqueles que estão sob a pena de condenação eterna. Para a atuação deste amor perdoador, Deus perde de si, ao dar seu Único Filho em resgate da humanidade. Nisto percebe-se que, para amar desta forma, o discípulo precisa assumir os danos e buscar a reconstrução de relacionamento com o seu ofensor (KELLER, 2010, p. 39-40). Esta atitude é ordem de Deus, a qual até mesmo Jesus praticou (BRUCE, 2008, p. 1737).

Contata-se, assim, que não há como ser discípulo de Jesus, tendo a presença deste Deus amoroso e perdoador em si, e não amar aos semelhantes. Ademais, a compreensão do amor divino deve suscitar a replicação desta atitude sobre os outros nos relacionamentos interpessoais (1Jo 3.16) (PHILLIPS, 2008, p. 64).

Além disso, esta presença do Trino Deus na vida do discípulo produz muito fruto proveitoso, que reflete a vida de Jesus – assunto que será percorrido a seguir.

### 3. FRUTIFICAÇÃO EM JESUS (JOÃO 15.8)

Eu sou a videira; vocês são os ramos. Se alguém permanecer em mim e eu nele, esse dá muito fruto; pois sem mim vocês não podem fazer coisa alguma... Meu Pai é glorificado pelo fato de vocês darem muito fruto; e assim serão meus discípulos (BÍBLIA, João 15.5,8, 2000, p. 839).

Poderiam os ramos de uma videira produzir laranjas? Tal frutificação não é possível, e certamente, se sobrenaturalmente este fenômeno acontecesse, causaria tremendo espanto e estranheza aqueles que testemunhassem. Mas qual seria o sentimento do proprietário de uma videira se os seus ramos não produzissem nenhum fruto? Com toda certeza, tal condição desta videira hipotética geraria indignação e até mesmo acarretaria seu descarte, ao ser arrancada devido sua inutilidade.

A terceira marca de um discípulo, segundo o evangelho joanino, tange a produção de fruto, como resultado da permanência em Jesus. Pois diante da afirmação do Mestre, entende-se que esta é também uma condicional a vida discipular, a qual revela a essência de Jesus na vida do cristão (HÖRSTER, 2008, p. 52). Tal marca é apontada em um discurso de Jesus, em que este caracteriza-se como a Videira Verdadeira pertencente ao agricultor, que é o Deus Pai. Já os seus discípulos, são referidos na pré-dica como os ramos, os quais permanecendo ligados na Videira Verdadeira, geram evidências de sua ligação, à saber, frutos, os quais glorificam o Agricultor (PINTO, 2008, p. 125).

Neste capítulo 15 do evangelho de João, Jesus retoma o tema permanecer, como uma grandiosa necessidade àqueles que se lançam a vida discipular, pois sem estar ligado a Ele, nada podem fazer por si só (v. 5). Este permanecer requer continui-

dade no relacionamento com o Mestre (v. 4 e 7), permanência no seu amor (v. 10) e, como já mencionado na primeira unidade deste capítulo, perseverança em sua Palavra, no ensino que Jesus repassou aos seus (v. 7). Porém, a nuance agora apontada é que ao permanecer genuinamente no ensino do Mestre, gera evidências visíveis aos demais seres humanos, o que é chamado por Jesus como fruto (BOOR, 2002, p. 215-216).

Destaca-se, porém, que a frutificação é acima de tudo, natural àqueles que estão realmente ligados na Videira. Portanto, esta verdade ensina duas lições:

- a) O fruto não é resultado de produção ou esforço por parte do discípulo, mas evidência de permanência na Videira. Sendo assim, quanto mais de Jesus um indivíduo tem em si, mais fruto gera.
- b) A falta de frutificação evidencia a falta de vínculo do indivíduo em relação a Videira Verdadeira, pois, não há como estar genuinamente ligado a Jesus sem produzir fruto (SANDERS, 1995, p. 30).

Aqueles que produzirem fruto tem da parte do Agricultor a garantia de cuidados especiais para que se encontrem em condições de gerar ainda mais daquilo que seu Senhor espera (v. 2). Por sua vez, a não frutificação acarreta severas consequências, destacadas nos versos 2 e 6 do referido capítulo abordado. Jesus esclarece que aqueles ramos que forem infrutíferos não se encontram ligados em essência a Ele, embora possam manter certa ligação meramente aparente a olhos humanos. Nisso entende-se que um indivíduo pode aparentar temporariamente certa ligação a Jesus, tão somente por vínculos a nível de tradição religiosa. Mas, porém, serão cortados na hora certa, apanhados e jogados ao fogo pelo Agricultor (v. 2) (WIERSBE, 2006, v. 1, p. 458-459). Portanto, aqueles indivíduos que não produzirem o fruto esperado pelo Agricultor e pela Videira, não são discípulos de Jesus, mesmo que honestamente achem ser.

Mas pode-se perguntar: onde está o problema do não produzir?

A resposta superficial e precipitada que muitos crentes dariam seria: Porque o indivíduo (ramo) não se esforçou o suficiente! Porém, o que Jesus de fato ensina neste trecho é que, o problema da não produção encontra-se na falta de vínculo e não na falta de esforço humano, pois o ramo por si só não tem e nem gera a seiva, a essência de vida, tanto que se for cortado e deixado de lado, este secará (v. 6). Assim, apesar de todo esforço que um indivíduo possa dispor, não produzirá o fruto que Jesus espera (v. 5). Mas se estiver ligado a Videira, receberá os nutrientes necessários para produzir o fruto adequado e natural à essência da Videira Verdadeira! A questão crucial para tanto é que, o indivíduo deve certificar-se de estar realmente ligado a Jesus (BRUCE, 1987, p. 265).

258

Ademais, pontua-se que os genuínos discípulos produzem fruto não meramente em condição esporádica e limitada, mas em qualidade de abundância. Jesus destaca três vezes esta ilimitada frutificação, em João 15.2b, 5 e 8, esclarecendo que os seus dão muito fruto e o Pai deseja que assim o façam mais e mais. Deus não deseja uma produção medíocre, mas assim como um agricultor humano, alegra-se em constatar a abundância de seus ramos, aqueles que escolheu para a frutificação (v. 16) (JONES, 1986, p. 29).

Mas também, um último aspecto desta frutificação pode ser reconhecido nas palavras do Mestre Jesus: Ele deseja da parte de seus ramos fruto que permaneça (v. 16). Sendo assim, este fruto não deve ser meramente momentâneo, apenas gerando expectativa e logo em seguida apodrecendo. Nisto o discípulo deve perguntar a si mesmo: Até quando os resultados evidentes de minha permanência em Jesus vão durar? (MURRAY, 2010, p.12).

Entendida a grande e irrevogável necessidade da frutificação em Jesus por parte do indivíduo que se lançou a vida discipular, pode-se então questionar sobre quais são os aspec-

tos deste fruto? O fruto na vida do discípulo indica resultados de mudança de caráter, mediante a atuação do Espírito na vida deste, no serviço cristão e na multiplicação de outros discípulos (SANDERS, 1995, p. 30-31). Discorrer-se-á na sequência como este fruto se expressa na vida cotidiana do discípulo de Jesus.

### 3.1 FRUTO DE CARÁTER CRISTÃO

Segundo Willard, discípulo é aquele que deseja, acima de tudo, ser como Jesus Cristo, gerando fruto de Sua presença em suas expressões cotidianas, em relação à vida, aos relacionamentos interpessoais e forma de lidar consigo mesmo (WILLARD, 2008, p. 20). Entende-se assim, que a presença de Jesus no discípulo, mediante o Espírito Santo (Jo 14.17, 20), gera expressões do caráter do Mestre. Isso só acontece devido ao novo nascimento, também chamado de regeneração, descrito em João 3.3, em que o indivíduo passa a relacionar-se com a sua existência a partir da perspectiva de vida de Jesus. A “regeneração é o ato de Deus pelo qual Ele muda a disposição moral da alma do indivíduo, na união com Cristo, tornando-o moral e espiritualmente semelhante a Cristo” (SEVERA, 1999, p. 290).

Sendo assim, pode-se dizer que um dos aspectos do fruto desejado por Jesus, a Videira Verdadeira, relativo a seus discípulos, os ramos, são expressões de seu caráter na conduta do indivíduo que nele está ligado. Estas expressões são mais bem discorridas no texto da epístola de Paulo aos gálatas, no quinto capítulo, em que são intituladas como *fruto do Espírito* (Gl 5.22-23). Tal fruto, diz respeito a nove atitudes geradas pelo Espírito Santo – a seiva desta Videira – naquele que permanece em Cristo. Estas, segundo a tradução Nova Versão Internacional, são: amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Abordar-se-ão a seguir estas atitudes (MURRAY; STEVENS, 2010, p. 117):

*Amor*: este diz respeito a um amor reconhecidamente movido por Deus na vida do discípulo e não meramente uma expressão de sentimento humano, pois é capaz de amar até os que o odeiam. É um amor sem interesses egocêntricos, capaz de perdoar, aceitar, investir no outro, doar-se, importar-se e receber o inconsciente na fé. Este é, de fato, um amor ao padrão de Jesus, a ponto de chamar a atenção dos de fora (Jo 13.1, 34-35) (POHL, 1999, p. 128).

*Alegria*: É um estado de satisfação mesmo em meio as faltas e adversidades. É contentamento com o que é recebido das mãos do Senhor, expresso em alegria notável no trato interpessoal, em que o discípulo não é amargo ou desagradável (Jo 6.11; 1Ts 5.16; Fp 4.4) (BARCLAY, 2012, v. 11, p. 54).

*Paz*: é a confiança no poder e no cuidado divino, sendo uma antítese da ansiedade. Viver esta paz é estar tranquilo e descansado no cuidado e provisão do Pai dos Céus, sem enfrentar os dias como se tudo dependesse apenas dos esforços humanos (Jo 14.27; 6.11; Fp 4.6-7) (BOYD, 1996, p. 44).

*Paciência (Longanimidade)*: não é meramente suportar o próximo no sentido chulo do termo, mas ser suporte a este, usando-se para com este de um longo ânimo em relação às suas debilidades (ALLEN, 1988, v. 11, p. 150). A expressão da paciência é uma grande marca de que Cristo está vivendo através do discípulo e que este está amando e enxergando as pessoas à sua volta na perspectiva dos olhos de Jesus (Jo 20.27; 1Co 13.4; Cl 3.13-14) (CALVINO, 2007, p. 154).

*Amabilidade (benignidade/delicadeza)*: é ser amável no trato interpessoal, não usando-se de grosseria e arrogância. O discípulo precisa refletir o amor de Cristo na forma que trata os que estão à sua volta, relacionando-se com os demais seres humanos da forma que gostaria de ser tratado. Jesus exerceu tal amabilidade, seja com pessoas excluídas, néscias, desorientadas e até mesmo com transgressores (Jo 4.1-42; 3.1-21; 8.1-11; Fp 4.5; 1Co 16.14) (RITZEMA, 2013, p. 65-66).

*Bondade*: é agir com bondade em relação ao outro, buscando o bem-estar alheio. A natureza de Deus é boa, sendo que Ele faz o bem ao ser humano em tudo e de todas as formas. Estar cheio da presença de Deus, mediante o Espírito Santo, requer do discípulo a mesma disposição em relação aos seus semelhantes (Jo 10.11; 5.7-9; 18.8; 1Co 13.4; Ef 4.32) (DAVIDSON, 1997, p. 2092).

*Fidelidade*: é ser fiel, firme em seus compromissos para com Deus e os seres humanos. Envolve a abominação de quaisquer falsidades em relação àqueles que depositam certo nível de confiança no discípulo. Além do mais, tal postura requer que o discípulo, quando der alguma palavra a outrem, cumpra-a mesmo que o dano próprio seja necessário (Jo 4.50; 14.1-3,18; Sl 15.4; Mt 5.37) (GUTHRIE, 1984, p. 178).

*Mansidão (humildade)*: esta não é um símbolo de fraqueza, mas de abertura, entrega e acessibilidade a todos. A exemplo de um animal, como o cavalo, ser manso é se deixar ser tocado por outrem; pois um cavalo pode ser manso, embora seja um dos animais mais fortes e resistentes. O discípulo que exerce a mansidão é alguém com quem pode-se relacionar, alguém que oferece facilidade àqueles que o buscam. Ademais, é o indivíduo que entende o seu devido lugar, submete-se, não se colocando acima dos demais seres humanos (Jo 3.3,10; Mt 5.9; Fp 2.3-4; 1Tm 6.11) (LOPES, 2011, p. 250).

*Domínio Próprio*: é ter a capacidade de controlar-se, ou melhor, ser controlado pelo Espírito Santo, sabendo dizer não aos vícios, pecados e tudo que possa dominá-lo. Envolve ter disciplina pessoal, sabendo mensurar atitudes e atividades, sem se deixar escravizar por instintos carnis (Jo 4.34; 17.4; 8.29b; 9.31; Tg 1.14-15; Rm 6.12) (LOPES, 2011, p. 250).

Pontua-se que todas estas atitudes foram expressas pelo Mestre Jesus durante sua jornada terrenal. Jesus manifestou cada um desses aspectos do fruto do Espírito, sendo Ele um mo-

delo aos seus seguidores (LOPES, 2011, p. 251). Além do mais, o seu *allon paraklēton* (ἄλλον παράκλητον), o seu Espírito descrito em João 14.16, é entendido como outro do mesmo tipo que viria, ou seja, compartilharia da mesma essência com a Pessoa do Deus Filho, Jesus (REID, 2012, p. 484-485). Por isso, estar cheio da presença do Espírito sempre irá resultar em atitudes ao padrão de Jesus. Assim, um primeiro aspecto do fruto esperado dos discípulos, equivale a atitudes que reflitam o caráter de Jesus na vida do indivíduo no cotidiano (HENRY, 2004, p. 1940).

Conclui-se esta unidade relembando que só há a possibilidade desta frutificação acontecer na vida de um indivíduo a partir de seu novo nascimento em Jesus, como descrito em João 3.3-8. Pois, mediante este novo nascimento, o Espírito de Jesus passa a dirigir a vida do então discípulo, oportunizando uma mudança de mentalidade e de inclinações, de forma sobrenatural e acima até mesmo do entendimento deste. No entanto, Jesus impulsiona através de seu Espírito marcas de seu caráter na postura de seu seguidor, marcas estas que refletem a sua forma de agir em relação à vida, aos outros e a si mesmo (GUTHRIE, 2011, p. 646-648).

262

### 3.2 FRUTO DE SERVIÇO AO PRÓXIMO

O episódio intitulado como lava pés é sem dúvida um dos momentos mais conhecidos e lembrados quanto a vida terrenal de Jesus. Possivelmente, esta história descrita em João 13.2-17, chama tanto a atenção por expor o Senhor Jesus em uma posição pouco provável a um Mestre, pois este apresenta-se diante dos seus discípulos na posição de um escravo. Tal postura jamais se esperaria de qualquer outro mestre; e, ainda mais, daquele que é o Filho de Deus, por meio de quem o universo fora criado (BRUCE, 1987, p. 240-241).

Para melhor compreender esta atitude de Jesus, faz-se necessário elucidar o contexto que rodeia o fato. No mundo bíblico, eram apenas os escravos, os servos, que desempenham o ofício

de lavar os pés dos seus senhores quando estes chegavam a suas viagens ou quaisquer jornadas. Este ato era reconhecido por toda a comunidade judaica como uma postura de um indivíduo inferior, que estava sujeito àqueles que sobre eles imperavam. Por isso, Jesus encontrou ali naquela casa uma bacia e uma toalha com tanta facilidade, pois eram utensílios comuns e de uso corriqueiro. Sendo assim, ao tirar sua capa, pegar a bacia e a toalha, Jesus toma publicamente a postura de um servo, inferior a todos. Não foi em vão que os seus discípulos, a saber Pedro, espantaram-se com seu Mestre (v. 6) (BRUCE, 1987, p. 240-242).

Mas Jesus não apenas ensinou os seus mediante uma ação parabólica, Ele aplicou a sua mensagem dramatizada nos versos 12 a 17. Nestes versículos, Jesus ordena aqueles que são seus discípulos a servirem ao seu padrão, pois aquele que deseja seguir este Mestre deve trilhar os seus passos. Se Jesus serviu, embora sendo Mestre e Senhor, seus discípulos também devem fazê-lo. Isso deve acontecer pelo fato de os discípulos terem em si a seiva de Jesus, seu Espírito, que os leva a andarem como o seu Mestre andou (1Jo 1.5-6) (HESSION, 2009, p. 64-69). Sendo assim, um segundo aspecto da frutificação em Jesus é o fruto de serviço ao próximo.

Pontua-se, porém, que servir ao outro não rebaixa o indivíduo que o faz, mas apenas expressa a convicção de que este sabe quem é em Deus. Jesus demonstrou isso, ao saber que viera de Deus e voltava para Deus, além de ter ciência de que recebera do Pai todo o poder (Jo 13.3-4) (GONÇALVES, 1979, p. 39-42). Por isso, o verso 4 complementa o verso anterior com uma conjunção conclusiva, sendo que devido a seu autoconhecimento, Jesus pôs-se com a bacia e a toalha a lavar os pés dos seus discípulos. Esta atitude não rebaixou Jesus de sua posição de Filho de Deus, e nem mesmo de Senhor e Mestre; tanto que sua ação parabólica aponta ao fato que Ele retomou ao seu lugar posteriormente (v. 12) (WIERSBE, 2006, v. 1, p. 444). Embora Jesus outorgue para si algumas peculiaridades divinas que lhes são cabíveis, usa-se

deste episódio para desafiar os seus a também agirem de sua maneira, mediante o autoconhecimento relativo à sua filiação celestial. Portanto, só é capaz de servir ao modo de Jesus aquele que entende sua condição de filho de Deus e tem a certeza de que tudo está nas mãos do Pai.

Pode-se dizer que tal serviço não se resume ao exercício de uma função eclesial meramente (embora esta seja indispensável), mas sim a atitudes cotidianas em que o discípulo representa os braços de Jesus estendidos aos necessitados (MARTINS, 2016, p. 90-93). Tais ações de serviço são exemplificadas por Jesus em Mateus 25.35-40, em que este diz que os seus genuínos discípulos alimentam o faminto, saciam o sedento, acolhem o estrangeiro, vestem o desnudado, cuidam do enfermo e visitam o encarcerado. Aquele que está ligado a Jesus, expressa cuidado deste mediante o serviço àqueles que o rodeiam, com o entendimento de que representam o Mestre em seu cotidiano. Além do mais, todo fruto de serviço cristão deve ser gerado na certeza de que o faz para Cristo (Mt 25.40) (RIENECKER, 1998, p. 269-270).

264

Ainda, a exemplo da postura de Jesus, conclui-se que “o lugar mais alto que o discípulo de Jesus deve buscar é os pés de seus irmãos” (COSTA, 2017, n.p.). Como em muitos outros momentos, neste episódio Jesus balizou o ápice, o alvo ao qual seus seguidores deveriam almejar, pois vez ou outra estes ansiavam por superioridade que lhes garantisse privilégios e serviços daqueles que eram inferiores. Aqui Jesus derruba estas expectativas, como se estas fossem um castelo de areia, reconduzindo-os a um novo padrão, no qual o modo de servir de Jesus deve ser almejado. Tal fruto de serviço, além de refletir o padrão de Jesus, glorificará ao Pai (Jo 15.8) (HESSION, 2009, p. 64, 65).

Ademais, reconhece-se que todo serviço envolve renúncia e abnegação, ou seja, morte para si mesmo. Ao desafiar seus discípulos ao serviço, Jesus chama-os para segui-lo em um caminho que leva a cruz, caminho este que envolve a entrega de sua vida em favor dos outros, a exemplo do Mestre.

Para tanto, lembra-se mais uma expressão de Jesus, em que diz que “ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos” (BÍBLIA, João 15.13, 2000, p. 839). Para amavelmente servir aos seres humanos, Jesus morreu em vários aspectos durante sua jornada terrenal, culminando no sacrifício substitutivo pela humanidade, no qual Jesus precisou derramar seu sangue. Neste ato, Jesus serviu aos propósitos do Pai e aos seres humanos, em algo que estes não teriam capacidade de fazer (GRUDEM, 2011, p. 900-901).

Tendo isso em vista, o genuíno discípulo de Jesus deve também servir a causa do Evangelho do Reino, envolvendo-se naquilo em que Deus serviu a humanidade empenhando o seu Filho Único: o resgate dos seres humanos (MARTINS, 2016, p. 85). Portanto, todo discípulo ligado à Videira deve gerar fruto de multiplicação de discípulos, assunto que será abordado na próxima sessão.

### 3.3 FRUTO DE MULTIPLICAÇÃO DE DISCÍPULOS

265

Durante o tempo em que esteve na terra, o Mestre Jesus expressou o seu desejo de que ainda outros indivíduos viessem se tornar seus discípulos, além dos doze. Tal desejo foi expresso em nível de convicção por parte de Jesus, descrito em João 10.16 e 17.20-21, quando este pontua que muitos outros viriam a crer no seu Evangelho e se tornariam parte de um só rebanho com os primeiros discípulos. Mas poder-se-ia questionar: Como Jesus planejava fazer e obter mais discípulos se ele subiu aos céus? A resposta é clara: Jesus deseja fazer novos discípulos por meio de seus discípulos, pois todo discípulo de Jesus tem a incumbência de se reproduzir, dar fruto, ou seja, gerar novos discípulos do Senhor (PHILLIPS, 2013, p. 85). Sendo assim, o terceiro aspecto do fruto esperado por Deus, o Agricultor, quanto àqueles que estão ligados em Jesus, a Videira Verdadeira, é a multiplicação de discípulos.

Destaca-se, para tanto, um trecho da oração de Jesus antes de ser preso e posteriormente crucificado: “Assim como me enviaste ao mundo, eu os enviei ao mundo” (BÍBLIA, Jo 17.18, 2000, p. 841). Jesus tinha um propósito específico ao enviar os seus primeiros seguidores ao mundo; desejava alcançar os seres humanos mediante o seu Evangelho, vivido e proclamado pelos discípulos. Tal incumbência não se resumiu apenas àqueles onze homens, mas cabe a todos aqueles que creram nas boas novas de Jesus. Portanto, os discípulos na atualidade compartilham desta grandiosa e honrosa tarefa de gerar novos discípulos (CAMPANHÃ, 2012, p. 17-18).

Salienta-se, porém, que esta reprodução envolve duas ações por parte do discípulo: Evangelização e Discipulado. Discorrer-se-á sobre ambas:

a) Evangelização:

Jesus pontuou em sua prédica, mais especificamente em João 15.8, o desejo de que os seus discípulos produzissem  *muito fruto*. Quer o Mestre que os seus seguidores sejam produtivos, gerando outros discípulos, não se atendo a ser um mero consumidor da vida (seiva) advinda da Videira. Para tanto, cabe ao discípulo de Jesus compreender que o propósito de sua jornada terrena é compartilhar desta vida emanada de Cristo, mediante a proclamação de seu Evangelho (KUHNE, 1981, p.147-149).

Assim como um ramo de uma árvore frutífera produz frutos, um real discípulo de Cristo gera outros discípulos naturalmente. Esta reprodução não vem de esforços humanos, mas do mover divino através do discípulo que testemunha de sua fé, evidenciando que este está ligado ao Mestre (QUEIROZ, 1991, p. 18). Sendo assim, a proclamação do evangelho deve acontecer na rotina cotidiana do discípulo, quando mediante seus relacionamentos, sua forma de agir, sua forma de trabalhar, maneira que lida com seus recursos e uso de sua liberdade revelam sua experiência com Jesus. Todas as suas ações devem ser

um convite para que outros se tornem discípulos de Jesus, além de um testemunho vivo da satisfação que é viver o Evangelho (MOORE, 1995, p. 113).

Também, não há como afirmar ser um ramo ligado à Videira, que prova da vida emanada desta, sem ao menos desejar compartilhá-la com outros, pois visto que a produção de fruto é natural àquele que está ligado à Videira, é natural ao discípulo falar do Evangelho do amor de Cristo que o alcançou a todas as pessoas que o rodeiam. Para isso, depende de todo esforço possível, anunciando tal salvação até que Jesus retorne (THOMPSON; TITZMAN, 2012, p. 12). Além do mais, o indivíduo que está ligado a Videira não se contenta apenas em produzir um fruto, mas sim muito fruto (Jo 15.8). Também, este se importa com que seu fruto gere ainda outros frutos, multiplicando discípulos. Assim, aquele que está de fato conectado na Videira torna-se um discípulo multiplicador, o qual não se deixa tomar pela improdutividade e estagnação (KUHNE, 1981, p. 22-23).

A consciência da necessidade do crescimento e multiplicação de discípulos é algo que não se pode negligenciar. Através da Palavra, nota-se que Deus criou o homem e após ordenou à sua criatura que se reproduzisse, que se multiplicasse e enchesse a terra. Em Cristo é dada uma ordem muito similar àqueles indivíduos que se tornam uma nova criatura nele: que se reproduzam – ou seja, que façam outros discípulos por toda a terra (DEVER, 2009, p. 218-221). Desta forma, o discípulo de Jesus, preocupa-se com os perdidos, desejando que cada vez mais, indivíduos dentre estes venham conhecer do amor do Senhor (GUSSO, 2009, v. 1, p. 49).

Pontua-se ainda que a evangelização é uma questão de compaixão sobre a condição espiritual dos perdidos e conhecimento da grandiosidade da mensagem do Evangelho, o poder de Deus para salvar o homem (DEVER, 2015, p. 76-79). Em João 4.35, Jesus desafia seus discípulos a olharem para o povo samaritano, tido como impuro pelos judeus, como frutos a se-

rem colhido, mediante a proclamação do seu Evangelho. Neste episódio, Jesus mostrou na prática como gerar fruto de novos discípulos, fato que é comprovado pela fé declarada dos samaritanos em João 4.42, onde professam ver Jesus como o Salvador do mundo. Tal colheita só fora possível pela forma com que Jesus enxergou e tratou aqueles que eram tidos como indignos da atenção e, muito mais, indignos de salvação. A compaixão expressa por Jesus abriu portas para anunciar a sua salvação àquele povoado samaritano. Este sentimento e ação de Jesus deve ser refletida na atualidade pelos seus discípulos que afirmam nele permanecer (SAYÃO, 2008, n.p.).

b) Discipulado:

Após compreendida a incumbência de gerar muito fruto, proclamando o Evangelho salvador de Cristo, cabe ao discípulo atentar-se para um passo seguinte, que anda em conjunto a evangelização: o discipulado (CARVALHO, 2019, p. 96). Tal ação pode ser ressaltada no texto de João 15.16, em que Jesus diz que escolheu os seus discípulos para darem fruto que permaneça. Essa permanência exige ação ativa e dedicada do discípulo de Jesus, para que os frutos de novos discípulos se mantenham firmes no Evangelho (CASIMIRO; LALLI, 2012, p. 9-10).

O discipulado, processo de cuidado de outro indivíduo que creu nas boas novas de Cristo, levando-lhe à maturidade cristã, é essencial a todo novo convertido. Por isso, Jesus preocupou-se em orientar os seus discípulos a oferecerem tal cuidado, pois seria indispensável para que a referida *permanência* fosse efetiva nos novos convertidos. Assim, o discipulado apresenta-se ao novo discípulo como uma ferramenta que o alicerçará em Cristo, impulsionando-o mediante ao cuidado contínuo ao conhecimento da verdade da Palavra, ao serviço cristão e a proclamação do Evangelho que o alcançou (MOORE, 1978, p. 20). Para Moore, o discipulado é “a maneira mais rápida e mais segura de mobilizar todo o corpo de Cristo para evangelizar”. O discipulado é tanto um resultado da evangelização como uma forma de

realizá-la, pois este facilita o crescimento do indivíduo, impulsionando também a produtividade, através de sua firmeza em Jesus (MOORE, 1995, p. 30-31).

Sendo assim, os discípulos de Cristo ocupam-se não somente em gerar novos discípulos, mas em consolidá-los nesta fé compartilhada. Todo discípulo tem a tarefa do discipulado, e isso não convém apenas a pastores e missionários, mas a todo aquele que professa a fé cristã (WILLARD, 2008, p. 11). Este entendimento fora captado e praticado pelos primeiros seguidores de Cristo, como João, Paulo, Barnabé, Timóteo e muitos outros. Por isso, rapidamente o Evangelho expandiu-se e refletiu-se na permanência de muitos discípulos, mesmo em meio a ferrenhas perseguições relatadas no mundo do Novo Testamento (ASCOL, 2011, p. 264).

Ademais, podem ser mencionados outros dois textos dos Evangelhos Sinóticos que destacam a ordem de Jesus quanto a frutificação de novos discípulos: Marcos 16.15 e Mateus 28.19-20. Nestes, mencionam-se “...vão pelo mundo todo e preguem...” e “façam discípulos...”. Tais textos revelam que muito além de simplesmente espalhar uma mensagem, Jesus desejava alcançar o mundo através do processo chamado discipulado, no qual os alcançados tomariam conhecimento de seu Evangelho, seriam salvos e conduzidos a uma nova vida, ao seu padrão. Assim, o Mestre Jesus expressa a sua Grande Comissão aos seus discípulos! (MOORE, 1995, p. 15). Destaca-se ainda o fato de os termos *preguem* e *façam* encontrarem-se no imperativo, o que por sua vez indica que o Mestre não coloca o discipulado como uma condicional (JONES, 1986, p. 15), mas sim como uma obrigação, uma ordem irrevogável, explícita aos discípulos genuínos (QUEIROZ, 2009, p. 30).

Considera-se, assim, que Jesus não deseja que os seus discípulos se acomodem, mas façam discípulos em todo tempo, em todo lugar (STETZER, 2017, p. 54). E ainda, gerar novos discípulos deve ser a prioridade constante da agenda daquele que se lança à vida discipular (MARSHALL; PAYNE, 2016, p.19).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Grandiosa responsabilidade é lançar-se a vida discipular de Jesus, pois tal condição requer comprometimento exclusivo em todos os âmbitos da vida do indivíduo que se dispõe a esta. Esta responsabilidade inicia-se já nos primeiros passos da jornada cristã, em que mediante um relacionamento pessoal com o Mestre, o aspirante ao discipulado compromete-se em viver segundo os passos de Jesus. Este processo deve ser progressivo, de forma que a vida do ser humano passa a refletir cada vez mais este engajamento com o Senhor, quando submisso a Ele; mas longe de ser este o reflexo de um esforço apenas em aspecto humano, é fruto do agir sobrenatural do Espírito Santo na vida do discípulo, após seu novo nascimento. Isso é o discipulado de Jesus.

Notou-se as expressões de Jesus, registradas no evangelho segundo João, as quais destacam que seus discípulos são pessoas que refletem certas marcas de postura e caráter, diante de Deus, da vida, das pessoas e do mundo a sua volta. A saber, estas marcas são: permanência na Palavra de Cristo (Jo 8.31), amor cristão (Jo 13.34-35) e frutificação em Jesus (Jo 15.8). Sempre que ordenada uma destas marcas, Jesus acrescenta, “...e assim serão meus discípulos”. Evidencia-se assim, que estas se fazem condicionais ao discipulado de Jesus Cristo e ignorá-las consiste em negação a condição discipular. Salienta-se, porém, que a expressão destas marcas não faz de um indivíduo um discípulo; pois estas apenas evidenciam o genuíno discipulado já sendo vivido por aquele que provou da regeneração em Jesus. Caso um ser humano não tenha provado de sincera conversão, não manifestará tais marcas a exemplo e a contento de Jesus.

Relativo à marca da permanência na Palavra de Cristo, compreende-se, a partir das palavras dele no evangelho joanino, que aquele que deseja viver o seu discipulado, precisa ter um compromisso permanente com a Palavra de Deus. Isso requer constância crescente na busca do conhecimento e compreensão

da Palavra, na aplicabilidade desta à vida cotidiana e no apego exclusivo ao ensino de Jesus. Pois nas Escrituras Sagradas, o discípulo encontrará a única e segura fonte de fé e orientação ao discipulado do Mestre Jesus. Pontua-se ainda, que esta Palavra é inerrante, imutável e infalível. Sendo assim, o discipulado cristão tem uma íntima ligação com as Escrituras e ignorá-la, coloca em risco a referida condição discipular.

Outra marca que evidencia a conduta discipular é o amor ao padrão de Jesus. Como um reflexo de luz solar projetada por um espelho, a postura amável deve ser uma evidência do amor divino que alcançou o indivíduo que se tornou um discípulo. Este amor ao padrão de Jesus deve manifestar-se na conduta prática do discípulo, tocando seus relacionamentos interpessoais de forma incondicional, altruísta, persistente e perdoadora. Constata-se, porém, que este amor não é produzido pelo ser humano em si, mas sim pelo Espírito na vida do indivíduo, a partir de uma experiência de novo nascimento em Cristo. Sendo assim, este amor não é somente uma mera cópia da atitude de Jesus exemplificada noutrora, mas a manifestação perceptível e transbordante da presença de Jesus, que por sua vez é a expressão do perfeito amor do Pai. Além disso, Jesus pontuou que ao passo que seus discípulos manifestassem este amor na mutualidade, o mundo conheceria o amor característico da condição discipular.

Por fim, constatou-se que a frutificação em Jesus também é uma evidência da vida discipular. A geração de fruto manifesta a ligação e permanência em Cristo, como a fonte de vida discipular. Assim como o fruto de uma árvore é algo perceptível, o fruto cristão também o é, expressando-se mediante o caráter, serviço e geração de novos discípulos; tudo isso à exemplo do Mestre. O fruto do Espírito expressa traços do caráter de Jesus na vida do discípulo, sendo manifesto em atitudes sinérgicas como amor, paciência, humildade e domínio próprio. O coração servil é o padrão auge que os discípulos devem almejar, visto que Jesus, o Mestre, se colocou como servo de toda a humanidade. A

geração de novos discípulos é o cumprimento da grande missão dos seguidores de Jesus, como uma resposta ao maravilhoso conhecimento do Evangelho que os alcançou. Sendo assim, o fruto não é resultado de esforço particular dos ramos, que são os discípulos; mas uma amostra da vida emanada da Videira Verdadeira quando os ramos permanecem em Jesus!

Tal pesquisa empenhou-se em responder ao seguinte questionamento: Quais as marcas do discípulo de Jesus Cristo segundo as palavras do próprio, registradas no evangelho segundo o apóstolo João e como o conhecimento destas podem ser úteis ao preparo de novos discípulos? Diante desta, considera-se que se os cristãos da igreja contemporânea compreenderem bíblicamente as marcas e condições para a vida discipular, então serão encorajados a refletir a vida de Jesus no cotidiano.

A presente pesquisa, fundamentou seus argumentos sobre as palavras de Jesus segundo o evangelho joanino, oferecendo a partir destas uma explanação clara e prática, quanto a vida discipular.

272

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo de 2010**: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espíritas-e-sem-religiao>. Acesso em: 27 dez. 2019.

ALLEN, Clifton J. **Comentário bíblico Broadman**: Novo Testamento. Tradução de Adiei Almeida de Oliveira. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1983. v. 9. 432 p.

ALLEN, Clifton J. **Comentário Bíblico Broadman**: Novo Testamento. Tradução de Adiei Almeida de Oliveira. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1988. v. 11. 461 p.

ASCOL, Tom. **Amado Timóteo**. Tradução de Mauricio Fonseca Junior. São Paulo: Fiel, 2011. 318 p.

BARCLAY, William. **Comentario al Nuevo Testamento**: Gálatas y Efesios. Barcelona: CLIE, 2012. v. 11. 277 p.

BARCLAY, William. **Comentario al Nuevo Testamento**: Juan I. Barcelona: CLIE, 2012. v. 5. 304 p.

BARCLAY, William. **Comentario al Nuevo Testamento**: Mateo II. Barcelona: CLIE, 2012. v. 2. 408 p.

BARTON, Bruce B. **Comentário do Novo Testamento**: aplicação pessoal. Tradução de Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2010. v. 1. 752 p.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada NVI**. Nova versão internacional. Santos: Bíblica, 2000. 992 p.

BOOR, Werner de. **Evangelho de João 1**: comentário esperança. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2002. 262 p.

BOOR, Werner de. **Evangelho de João 2**: comentário esperança. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2002. 216 p.

BOYD, Frank M. **Comentário bíblico**: Gálatas, Filipenses, 1 e 2 Tessalonicenses e Hebreus. Rio de Janeiro: CPAD, 1996. p. 176.

BROWN, Colin Brown; COENEN, Lothar. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2.ed. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000. 2773 p.

BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. **Novo comentário bíblico São Jerônimo**: Novo Testamento e artigos sistemáticos. Tradução de Celso E. Fernandes. Santo André: Academia Cristã, 2011. 1792 p.

BRUCE, Frederick F. **João**: introdução e comentário. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1987. 355 p.

BRUCE, Frederick F. **Comentário bíblico NVI**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2008. 2272 p.

BUCKLAND, M. A. **Dicionário bíblico universal**. Tradução de Joaquim S. Figueiredo. São Paulo: Vida, 1999. 453 p.

BÜRKI, Hans. **Cartas a Timóteo**: 2 Timóteo. Tradução Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2007. 68 p.

274

CALVINO, João. **Série de comentários bíblicos João Calvino**: Gálatas. Tradução de Valter Graciano Martins. São José dos Campos: Fiel, 2007. 173 p.

CAMPANHÃ, Josué. **Discipulado que transforma**. São Paulo: Voxlitteris, 2012. 178 p.

CARSON, D. A. **O comentário de João**. Tradução de Daniel de Oliveira e Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd, 2007. 686 p.

CARVALHO, Diogo da Cunha. Discipulado, perspectivas e dimensões. **Revista Via Teológica**, v. 20, n° 39, jun. 2019. p. 89-120.

CASIMIRO, Arival Dias; LALLI, Paulo. **Rede de discipulado**. Santa Bárbara do Oeste: SOCEP, 2012. 96 p.

CHAN, Francis; YANKOSKI, Danae. **Louco amor**. São Paulo: Mundo Cristão, 2011. 169 p.

COSTA, Sydnei. **Bacia e toalha**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p-Rglloij7s>. Águas de Lindóia: Sepal, 2017. n.p.

DAVIDSON, F. **O novo comentário da Bíblia**. 3.ed. Tradução de Russell P. Shedd. São Paulo: Vida Nova, 1997. 2529 p.

DEVER, Mark. **O que é uma igreja saudável**. 2.ed. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São Paulo: Fiel, 2015. 109 p.

DEVER, Mark. **Nove marcas de uma Igreja saudável**. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São Paulo: Fiel, 2009. 307 p.

GINGRICH, F. Wilbur. **Léxico do Novo Testamento grego-português**. Tradução de Júlio Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1993. 228 p.

GONÇALVES, Almir dos Santos. **A teologia de Jesus Cristo**. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979. 96 p.

GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática: atual e exaustiva**. 2.ed. Tradução de Miguel Messias, José Luis Martinez, Omar Diaz de Arce. São Paulo: Vida Nova, 2011. 1104 p.

GUSSO, Antônio Renato. **Bebendo da Fonte: lições bíblicas para classes de batismo e novos convertidos**. Curitiba: FatoÉ, 2001. 84 p.

GUSSO, Antônio Renato. **Discípulos fazendo discípulos**. Curitiba: ADSantos, 2009. v. 1. 72 p.

GUTHRIE, Donald. **Gálatas: introdução e comentário**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1984. 208 p.

GUTHRIE, Donald. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. 1080 p.

HARRISSON, Everett F. **Comentário Bíblico Moody**. São Paulo: Batista Regular, 2017. v. 2. 1040 p.

HENRICHSEN, Walter A. **Discípulos são feitos, não nascem prontos**. Belo Horizonte: Atos, 2002. 143 p.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. **Transição religiosa até 2032**. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/585245-transicao-religiosa-catolicos-abaixo-de-50-ate-2022-e-abaixo-do-percentual-de-evangelicos-ate-2032>. Acesso em: 26 dez., 2019.

JONES, Milton Lee. **Discipulado**. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Cristã, 1986. 158 p.

KELLER, Timothy J. **O Deus pródigo**: descubra a essência da fé cristã na parábola mais tocante de Jesus. Tradução de André Jenkino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2010. 173 p.

KING, Claude. **O chamado para seguir a Cristo**. Tradução de Maria Lúcia Goddle. Rio de Janeiro: Convicção, 2010. 144 p.

276

KUHNE, Gary W. **O discipulado dinâmico**. Tradução de Myrian Talitha Lins. Venda Nova: Betânia, 1981. 240 p.

KUNZ, Claiton A. **Autoridade das Escrituras**. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=vVkOtX3SdUU&list=PLli\\_e1pk4bDulDnFRAuIJP0-53dpYYdRH&index=9](https://www.youtube.com/watch?v=vVkOtX3SdUU&list=PLli_e1pk4bDulDnFRAuIJP0-53dpYYdRH&index=9). Ijuí: dez. 2020.

KUNZ, Claiton A. **Sola Scriptura**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SyGx4m9iSM4>. Ijuí: nov. 2020.

HESSION, Roy. **A senda do calvário**. Tradução de Walter Kaschel. 2.ed. Belo Horizonte: Betânia, 2009. 84 p.

HÖRSTER, Gerhard. **Introdução e síntese do Novo Testamento**. EPUB. Curitiba: Esperança, 2008. 180 p.

LOPES, Hernandes Dias. **Gálatas**: A carta da liberdade cristã. São Paulo: Hagnos, 2011. 287 p.

MADUREIRA, Jonas. **O custo do discipulado**: a doutrina da imitação de Cristo. São José dos Campos: Fiel, 2019. 79 p.

MARSHALL, Colin; PAYNE, Tony. **A treliça e a videira**: a mentalidade de discipulado que muda tudo. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2016. 168 p.

MARTINS, Natan. **Judas e sua imutabilidade**. Disponível em: <https://www.batistapioneira.edu.br/index.php/judas-e-sua-imutabilidade/>. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, jul. 2020. Acesso em: 29 set. 2021.

MARTINS, Orlando Eduardo Capellão. **Diaconia cristã**: o serviço da mordomia. Curitiba: ADSantos, 2016. 120 p.

MARTINS, Yago. **Faça discípulos ou morra tentando**: o significado, a extensão e o selo do discipulado. Niterói: Concílio, 2017. 280 p.

MAZZACORATI, Israel G.; SAYÃO, Luiz Alberto; SOUZA, Itamir Neves de. **De volta à palavra**: a vida e o ensino dos apóstolos João, Paulo e Pedro. São Paulo: RTM, 2017. 156 p.

MCKINLEY, Mike. **Am i really a christian?** Illinois: Crossway, 2011. 189 p.

MOORE, W. B. **Integração segundo o Novo Testamento**. Tradução de Elvira Moraes Lustosa. 4.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1978. 160 p.

MOORE, W. B. **Multiplicando discípulos**. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. 4.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1995. 135 p.

MURRAY, Andrew; STEVENS, Bo. **Permanença em Cristo**. Tradução de Maria Lúcia Goddle. Rio de Janeiro: Convicção, 2010. 136 p.

NATION, Philip. **Vivendo na palavra**. Tradução de Maria Lucia Godde. Rio de Janeiro: Convicção, 2010. 152 p.

OAK, John H. **Discipulado y crecimiento integral de la iglesia**. Buenos Aires: Kairós, 2006. 320 p.

PACKER, J. I. **O conhecimento de Deus**. Tradução de Cleide Wolf. São Paulo: Mundo Cristão, 1996. 348 p.

PACKER, J. I. **Fé ativa: o discipulado que produz cristãos que levam Deus a sério**. Tradução de Wagner Pimenta. São Paulo: Vida Nova, 2020. 192 p.

PHILLIPS, Keith. **A formação de um discípulo**. 2.ed. Tradução de Elizabeth Stowell Charles Gomes. Belo Horizonte: Vida, 2013. 174 p.

PINTO, Carlos O. C. **Foco e desenvolvimento no Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008. 442 p.

POHL, Adolf. **Comentário Esperança: Carta aos Gálatas**. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 1999. 146 p.

QUEIROZ, Edison. **40 dias de jejum e oração por um novo Brasil**. São Paulo: ATG, 2009. 101 p.

QUEIROZ, Edison. **A igreja local e missões**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 1991. 152 p.

REID, Daniel G. **Dicionário teológico do Novo Testamento**. Tradução de Márcio L. Redondo e Fabiano Medeiros. São Paulo: Vida Nova, 2012. 1282 p.

RICHARDS, Lawrence O. **Comentário devocional da Bíblia**. Traduzido por Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2012. 1023 p.

RIENECKER, Fritz. **Comentário esperança: evangelho de Mateus**. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998. 306 p.

RITZEMA, E. **Galatians**: Spurgeon Commentary. Bellingham: Lexham, 2013. 82 p.

SANDERS, J. Oswald. **Discipulado espiritual**. Tradução de Elma Gomes Barreto. Rio de Janeiro: JUERP, 1995. 171 p.

SAYÃO, Luiz. **Comentário em áudio rota 66**: evangelhos – João. Jo 4. Áudio 474. São Paulo: RTM, 2008.

SEVERA, Zacarias de Aguiar. **Manual de Teologia Sistemática**. Curitiba: A.D. Santos, 1999. 504 p.

SOOLONCA, Paulo. **Manual do discípulo**. v. 4. Santa Bárbara do Oeste: SOCEP, 2002. 135 p.

SOOLONCA, Paulo. **Primeiros passos no discipulado cristão**. Santa Bárbara d'Oeste: SOCEP, 199-?. 92 p.

STETZER, Ed; QUEIROZ, Sérgio. **Igrejas Que Transformam O Brasil**: sinais de um movimento revolucionário e inspirador. São Paulo: Mundo Cristão: 2017. 256 p.

TASKER, R. V. G. **Mateus**: introdução e comentário. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Vida Nova, 1980. 229 p.

THOMPSON Jr. Oscar; TITZMAN, Carolyn Thompson. **Testemunhando ao mundo**. Tradução de Maria Lucia Godde Cortez. Rio de Janeiro: Convicção, 2012. 147 p.

VIEIRA, Gilton Medeiros. **Maturidade Cristã**. Rio de Janeiro: JMN, 2004. 118 p.

VINE, W. E.; UNGER, Merrill; WHITE Jr., William. **Dicionário Vine**: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Tradução de Luis Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 1115 p.

WIERSBE, Warren. **Comentário bíblico expositivo**: Novo Testamento. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006. v. 1. 952 p.

WILLARD, D. **A grande omissão**: as dramáticas consequências de ser cristão sem se tornar discípulo. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Mundo Cristão, 2008. 214 p.